

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ALENCAR SCHUEROFF

**PEDRO NAVA E O POTENCIAL (AUTO) FORMATIVO DA
MEMÓRIA**

**FLORIANÓPOLIS
2012**

ALENCAR SCHUEROFF

**PEDRO NAVA E O POTENCIAL (AUTO) FORMATIVO DA
MEMÓRIA**

Dissertação apresentada como
requisito parcial à obtenção do
grau de Mestre em Educação do
Programa de Pós-Graduação em
Educação do Centro de Ciências
da Educação da Universidade
Federal de Santa Catarina.

Professora orientadora: Dra.
Marlene de Souza Dozol.

FLORIANÓPOLIS
2012

Alencar, Schueroff,

Pedro Nava e o potencial (auto) formativo da memória. [dissertação]/
Alencar Schueroff ; orientadora, Marlene de Souza Dozol - Florianópolis, SC,
2012. 101 p.; 21cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências da Educação. Programa de Pós- Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Literatura. 3. Memórias. 4. Formação 5. Pedro Nava. I.
De Souza Dozol, Marlene. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

“PEDRO NAVA E O POTENCIAL (AUTO)FORMATIVO DA MEMÓRIA”

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso
de Mestrado em Educação do Centro de
Ciências da Educação em cumprimento parcial
para a obtenção do título de Mestre em
Educação.

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA EM 18/12/2012

Dra. Marlene de Souza Dozol (CED/UFSC-Orientadora)

Dra. Sueli de Souza Cagneti (UNIVILLE/SC-Examinadora)

Dra. Lúcia Schneider Hardt (CED/UFSC-Examinadora)

Dr. Alexandre Fernandez Vaz (CED/UFSC-Suplente)

Profa. Rosalba Maria Cardoso Garcia
Coordenadora do PPGE/CED/UFSC
Portaria nº 1317/GR/2012

ALENCAR SCHUEROFF
FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/DEZEMBRO/2012

Para Emília, minha avó.

Meus sinceros agradecimentos para

Joaquim Alves de Aguiar, que, mesmo sem saber, escreveu o trabalho comigo.

Meus pais, que venderam uma mesa da família para pagar minha inscrição na universidade.

Marlene de Souza Dozol, que sempre soube o que dizer e como agir.

Lucia Schneider Hardt, pela generosidade.

Sueli de Souza Cagneti, por tudo.

Luiza Pauli Schueroff, que com seu doce sorriso, acalentou todos os momentos.

Ao passado, ao passado! Vamos a essa prodigiosa abstração do Tempo, breve segundo continente do infinito, fabuloso país em que vivi (irresistivelmente) e até onde – nem os automóveis, ou os tapetes mágicos, os trens, os navios, os ventos, os aviões, as nuvens, os módulos espaciais serão capazes de me fazer retornar. Só o pensamento mais rápido que os foguetes estratosféricos, só a saudade-minuto-luz, podem me arrebataram nessa viagem para as distâncias siderais de mim mesmo.

(Pedro Nava. *Balão Cativo*).

RESUMO

Este é um estudo sobre a (auto) formação de Pedro da Silva Nava (1903-84), memorialista de Minas Gerais. Para tanto, procurou-se investigar as forças que exerceram papel formativo sobre Nava, em três segmentos de sua história: família, escola e amigos, que compõem, a propósito, os três capítulos apresentados na pesquisa. A esta intenção, foi acrescentada a ideia de um “formar-se”, que compreende a iniciativa própria do escritor em recorrer às letras, impulsionada por subjetividades a ele inerentes. Na parte da família, três nomes foram escolhidos: Maria Luísa (avó), Antônio Salles (tio) e Ennes de Souza (tio-avô), os quais influenciaram, significativamente, Nava em sua vida e em sua carreira de escritor. O capítulo que se debruça sobre as memórias escolares ganhou uma subdivisão, que procurou compreender desde os primeiros passos do escritor em ambiente escolar (nos Colégios Andrès e Lucindo Filho, ambos em Juiz de Fora) até a conclusão de seus estudos médios, anteriores ao ingresso na faculdade de medicina, em Belo Horizonte. O último capítulo falou sobre os agitados anos 20, durante os quais Nava foi, concomitantemente, funcionário público, universitário e agitador cultural, juntamente com figuras como Carlos Drummond de Andrade. Experiências que, combinadas com outros estudos e numa leitura própria, buscaram mostrar, ainda que parcialmente, o processo (auto) formativo daquele que se sagrou um genial escritor brasileiro.

Palavras-chave: Literatura. Memórias. Formação. Pedro Nava

ABSTRACT

This is a study about the (self) formation of Pedro da Silva Nava (1903-84), writer of memoirs from Minas Gerais. For this, the proposal was to investigate the forces which performed formative role over Nava, on three segments of his history: family, school and friends, that compose, by the way, the three chapters present in this research. To this intention, a “self-forming” ideia was added, which comprehends the writer’s initiative on searching words, stimulated by his own subjectivities. From the family, three names were chosen: Maria Luísa (grandmother), Antônio Salles (uncle) and Ennes de Souza (great-uncle), who influenced, significantly, Nava during his life and carrer as a writer. The chapter about the scholar memories got a subdivision, that wanted to comprise since the writer’s first steps, in Juiz de Fora, until the conclusion of his medical studies, in Belo Horizonte. The last chapter talked about the excited 1920’s, when Nava was, at the same time, a civil servant and a cultural agitator, with people like Carlos Drummond de Andrade. Experiences that, combined with other studies and a self-reading, tried to show, although in a parcial way, the (self) formative process of the one who became a genial Brazilian writer.

Keywords: Literature. Memoirs. Formation. Pedro Nava

DEPOIMENTO

Cheguei a Pedro da Silva Nava por acaso. Acaso: isso existe? A possibilidade de conectar educação e literatura pareceu-me sedutora. Isto porque a rotina nas escolas onde leciono tem sido permeada por comentários e especulações acerca da busca por um trabalho que ligue áreas distintas do conhecimento. Além disso, sendo das letras, tenho percebido que a literatura é algo que envolve muitos campos e temas.

A princípio, entrei para o curso de Mestrado disposto a analisar o meio escolar em textos literários brasileiros do final do século XIX, tais como *O Ateneu* (Raul Pompéia) e *Conto de Escola* (Machado de Assis). Contudo, em meio a estudos exploratórios, surgiu o nome do memorialista Pedro Nava, pois o segundo livro do autor, *Balão Cativo*, consistia parte da ementa de Seminário de Dissertação I, da Linha de Pesquisa Filosofia da Educação, cadeira ministrada pela Professora Marlene de Souza Dozol, que utilizou a referida obra para pensar questões de teor filosófico-educacional através de referências literárias.

Ouvi a seguinte recomendação: “leia Nava com atenção”. Li. Em seguida, a Professora me sugeriu a leitura de *O Primeiro Homem*, romance autobiográfico póstumo de Albert Camus. Acatei novamente. Quem sabe uma comparação entre as duas narrativas de memórias? Mas vi que Nava é intenso demais e pede (praticamente exige) dedicação integral de quem se propõe a adentrar seu mundo de cores, cheiros, sabores, informações e criações múltiplas. Durante a leitura do *Balão cativo*, observei que o autor, generosamente, compartilha com os leitores uma metalinguagem da memória que lhe é muito própria; nela, ele revela o porquê de se escrever esse gênero – no caso de Nava tem muito a ver com uma estratégia de evasão – e como se dá a disposição das reminiscências em livro. Além de me interessar por esses elementos, apresentados mais explicitamente na narrativa, comecei a me questionar sobre certos tópicos pouco mais ocultos, mas presentes. Perguntei-me, por exemplo, como ocorre o processo de formação de um memorialista. Quanto a isso, a referida Professora me disse: “A memória forma; as experiências da memória formam”. Pronto. É por aí que decidimos caminhar. Por aí e por boa parte das substanciosas *Memórias* de Pedro Nava.

Não seria possível ficar somente no *Balão*. Fez-se necessário colocar os pés no chão e andar vagarosamente (“mineiramente”) – e, em se tratando do escritor em questão, não tem como ser diferente – pelas linhas, pelos fios de Ariadne, muito bem entrelaçados desse escritor mineiro. Descobri que Pedro da Silva Nava nasceu em Juiz de Fora, no

dia cinco de junho de 1903. Foi o filho primogênito de José Pedro da Silva Nava (1877-1911), médico, e de Diva Mariana Jaguaribe (1883-1968). Em 1910 a família mudou-se para o Rio de Janeiro, onde o pai foi trabalhar de médico na Delegacia de Saúde do Méier e no Serviço Médico-Legal da Polícia. Mas, por causa da morte prematura de José Pedro, a família voltou para Minas em 1911. Dois anos mais tarde, falece a avó, Maria Luísa, e há nova mudança, agora para Belo Horizonte, onde Pedro Nava ingressa no Colégio Anglo-Mineiro. O ano de 1916 marca a ida do memorialista ao Rio, novamente, onde vive com o tio Salles e a esposa e torna-se estudante do internato Pedro II. Os anos 20, passados na capital mineira, foram marcantes, pois neles Nava estudou medicina, participou do Grupo do Estrela (o Modernismo mineiro), estreou no mercado de trabalho, fez amizades que perduraram para sempre. Após colar grau de médico (1928), Pedro Nava dedicou-se à carreira escolhida, da qual obteve êxito, tornando-se um renomado reumatologista. Enquanto esteve envolvido com a medicina, sua produção literária foi pouca, com destaque para o poema *O Defunto* (1946). A partir dos anos 60, em tempos de aposentadoria, iniciou outra empreitada, bastante diversa do que fizera até então: escrever suas memórias. O resultado disto são sete volumosas obras (sendo que a última permaneceu inacabada, em decorrência do suicídio do autor, em 1984), que constituem algo inigualável na história literária brasileira.

Tudo começou com *Bau de Ossos* (1972), que inicia com a descrição dos antecedentes genealógicos da família do autor, divididos entre Minas, o Nordeste e os burgos e castelos europeus onde viveram seus antepassados aristocratas. Em seguida, sempre entremeando fatos históricos, observações pitorescas e anedotas familiares com suas primeiras lembranças, o autor narra acontecimentos vividos até seus oito anos de idade, marcados pela traumática morte de seu pai. A obra, sucesso de público e crítica, teve sua continuação em 1973, com *Balão Cativo*, que compreende o período entre o retorno para Minas, após a morte do pai, e o internato no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Em 1976 apareceria *Chão de Ferro*, narrativa que tem como foco a descrição dos anos passados no Pedro II. *Beira-Mar*, de 1978, trata da turbulenta década de 1920, os anos de juventude de Nava, dividida entre a faculdade e as ruas de Belo Horizonte. Entre 1981 e 1983, aparecem *Galo-das-Trevas* e *Círio Perfeito* que, escritos em tom de romance, contam as aventuras e desventuras do recém-formado médico. Quando morreu, em 1984, o autor estava escrevendo *Cera das Almas*, que permaneceu inconcluso.

Foram utilizados, para esta pesquisa, os quatro primeiros volumes da memorialística naveana. Os dois últimos foram preteridos da pesquisa por terem sido feitos, como já dito, sob o formato de romance, inclusive com o foco narrativo em terceira pessoa. Estas características, apesar do tom autobiográfico que ainda resguardam, fazem distanciar do estilo que havia destacado Nava como um grande escritor de memórias¹. Não há mais a confissão em primeira pessoa, que tanto nos dava pistas sobre sua (auto) formação enquanto escritor.

Entretanto, como se vê, a leitura das *Memórias* não foi feita linearmente. Iniciei com o *Balão Cativo*, para depois “abrir” o *Baú de Ossos*. Essa desordem deu-me a sensação de que as obras impuseram-me uma ordem diversa das publicações de Nava, tencionando, talvez, mostrar-me a essência de como o autor desenvolveu suas tramas memorialísticas, as quais, apesar de obedecerem a uma sequência temporal, são repletas de digressões, anacronismos. Até porque, como disse o autor em *Beira-mar*, se fosse para “fazer um relato absolutamente cronológico, teria que cair no que tenho evitado, que é o diário. Prefiro deixar a memória vogar, ir, vir, parar, voltar. [...] Meu barco sobe e desce, adianta e recua num círculo luminoso cercado de trevas” (2003, p. 196).

Para muitos leitores, este é um processo difícil de ser entendido, pois temos, muitas vezes, ânsia de chegar logo ao fim das histórias. Confesso que foi exatamente o que ocorreu comigo em diversos momentos, principalmente, no início do estudo: queria descobrir logo o que ia acontecer, por exemplo, quando Mr. Sadler, diretor do Anglo, mandou chamar o menino Pedro a sua sala, à noite, para um “particular”; ou, numa outra passagem, como seria o desenrolar do primeiro amor do jovem Pedro por Leopoldina, nos tempos de Belo Horizonte. Mas, para obter respostas para estas e outras tantas perguntas que a obra naveana incita, é preciso paciência mineira. Procurei aceitar “mineiramente” as fugas do autor (e apreciá-las) sem fugir.

¹ Antonio Candido vai mais longe, ao afirmar que estamos falando de “um dos grandes escritores brasileiros contemporâneos”. (2006, p. 73)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
1 MEMÓRIAS	25
2 A FAMÍLIA	33
2.1 A AVÓ.....	34
2.2 O TIO.....	40
2.3 O TIO-AVÔ.....	45
3 ESCOLA	51
3.1 PRIMEIRAS LETRAS.....	52
3.2 COLÉGIO ANGLO.....	54
3.3 COLÉGIO PEDRO II	58
4 AMIGOS.....	75
4.1 FACULDADE.....	76
4.2 BOEMIA	80
4.3 GRUPO DO ESTRELA.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

INTRODUÇÃO

A memória sempre foi considerada um bem precioso. De Mnemósine – importante deusa da mitologia grega – às mais recentes descobertas da neurociência, a sociedade tem rendido respeito a essa capacidade do espírito humano. Inclusive um dos maiores medos que as pessoas têm é o da amnésia – ou o da perda total da memória. Isto porque ela representa o que somos, as experiências que adquirimos e, com elas, construímos nossa subjetividade, identidade.

E quando decidimos transferir nossas lembranças para o papel? O termo “memória” vai, então, para o plural e se torna um gênero literário, cujas características, segundo o *E-Dicionário*, de Carlos Ceia (2013), são as seguintes: “a narrativa é escrita na primeira pessoa e o relato das experiências pessoais funciona frequentemente como autorrevelação”. A continuação do pensamento revela que as memórias são recursos ficcionais – o que faz do “autor uma personagem de um universo essencialmente fictício” – e aponta como exemplo de obra inaugural desse tipo de narrativa, o romance *Robinson Crusoe* (1719) de Daniel Defoe. Depois dele, foram inúmeros os escritores e as personalidades em geral, comumente com idade avançada, que deixaram para a posteridade, obras memorialísticas. Algumas, além de possuírem as características acima, têm alto grau de sofisticação, em termos de recursos de escrita, lançando mão de metáforas diversas, simbolismos e musicalidade.

Neste sentido, há que se recordar, por exemplo, de *O Ateneu*, polêmica crônica de saudades, publicado no final do século XIX, que Raul Pompeia escreveu a partir das experiências que teve no colégio Abílio²; outro livro inesquecível (e bastante sofrido) é *Infância* (1945), narrativa que, juntamente com *Memórias do Cárcere* e *Viagem*, compõe a obra memorialística de Graciliano Ramos; há, ainda, incursões na poesia, com *Boitempo* e *A Idade do Serrote*, de Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, respectivamente – ambas as obras datadas da segunda metade do século XX.

No entanto, em se tratando de elaboradas narrativas memorialísticas, no Brasil, um nome que também tem o seu lugar é, certamente, Pedro Nava (Juiz de Fora, MG, 1903 – Rio de Janeiro,

² Em 1873, Raul Pompéia muda-se com a família para a Corte, onde é matriculado como interno no Colégio Abílio, cujo diretor era o doutor Abílio César Borges, Barão de Macaúbas. Nessa escola, inclusive, faz uma das primeiras incursões pela arte (que mais tarde o projetaria no Brasil), redigindo e ilustrando um jornalzinho chamado *O Archote*.

1984). Suas *Memórias*³ impressionam, pois são, no total, como já afirmei, seis caudalosos volumes: *Baú de Ossos* (1972), *Balão Cativo* (1973), *Chão de Ferro* (1976), *Beira-Mar* (1978), *Galo-das-Trevas* (1981) e *O Círio Perfeito* (1983), não esquecendo *Cera das Almas*, aquele volume que permaneceu incompleto, por decorrência da morte do autor. Em uma época de nomes que primavam pela concisão⁴, Nava caminhou na contramão. Não há economia de palavras. Tanto conteúdo seria suficiente, talvez e inclusive, para estabelecer, por si só, as memórias como um gênero literário (RAMOS, 2013).

Entretanto, elegi “apenas” as quatro primeiras publicações – as quais dão conta dos períodos de infância, adolescência e juventude do autor em questão – a partir das quais faremos alguns apontamentos que buscarão ser desenvolvidos, mas não completamente esgotados – nesta pesquisa. O porquê da escolha se deve ao seguinte fato: depois de *Beira-Mar*, o autor deixa de ser narrador-personagem e muda o foco para terceira pessoa, levando à cena José Egon Barros da Cunha, seu *alter ego*. As obras, a partir de então, ganham aspectos de romances, perdendo, de certa forma, parte de seu caráter memorialístico.

O que se busca é falar do potencial (auto) formativo da memória na narrativa de Pedro Nava. Para tanto, limitar-me-ei às experiências nos seguintes espaços: família (a avó Maria Luísa, o tio Antônio Salles e o tio-avô Ennes de Souza), escola (principalmente, o Anglo-Mineiro e o Pedro II) e amigos (nos tempos de faculdade, em Belo Horizonte).

Há uma galeria de situações e pessoas que contribuíram para a formação de autor das *Memórias*, para a construção de um repertório que tornasse possível a escritura de tão exuberante e densa obra. Foram causos contados por familiares; cantigas entoadas por escravas; incentivos diversos à leitura – oriundos do regaço familiar, dos mestres na escola, dos amigos cultos. Enfim, uma série de experiências que tornaram Pedro Nava um ser cultivado, das letras, hábil para aquilo que se propõe: escrever.

Completando minha intenção de pesquisa, é preciso tratar do prefixo “auto” (presente no título) que designa um “formar-se”: a intenção é desenvolver a ideia de que a própria memória é uma experiência formativa. O momento em que Nava senta à máquina de escrever – e aí entram suas múltiplas sensações e subjetividades naquele

³ Utilizaremos este termo, no decorrer da pesquisa, sempre que desejarmos falar da obra memorialística de Pedro Nava como um todo.

⁴ Como Décio Pignatari e os irmãos Campos (Concretismo), José Paulo Paes (Minimalismo), Paulo Leminski (Poesia Marginal), e outros.

instante – interessa-me e será objeto de estudo. A propósito disto, no *Balão Cativo*, o autor escreve:

A viagem da memória não tem possibilidades de ser feita numa só direção: a do passado para o presente. Não é a sós que velejamos para os anos atrás em busca dos nossos eus. Levamos conosco uma experiência tão inarrancável que ela é elemento de deformação que nos obriga a agir com nossas recordações como primitivos que pintavam a Natividade [...] (NAVA, 2000, p. 240).

Esse trecho é particularmente significativo para a presente pesquisa. Nele, pode-se observar não só o que estou chamando de um “formar-se”, mas também outra força que lhe é complementar, a de “ser formado”. São ambas essas forças que podem compor o *mister* de um memorialista. Este traz na memória as experiências que o formaram, as quais não o deixam “ velejar sozinho” rumo à vida pregressa, ao mesmo tempo em que possui sua subjetividade, seu “eu” da circunstância na qual escreve.

Assim, o “eu” do presente influencia no “desencavar” e no “polir” dos “eus” que se encontram no passado. E este “eu” vem encharcado das experiências vividas no decorrer das muitas décadas de maturação. A este respeito, pode-se evidenciar Astrid Sayeg que, ao discutir Henri Bergson⁵, explica o termo “duração”, criado pelo pensador parisiense, o qual significa que as lembranças de acontecimentos pregressos persistem nas ações do presente. “Ela [a duração] é vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente” (SAYEGH, 1998, p. 29).

Sobre as *Memórias* e, principalmente, os lugares por ela visitados, escreve Joaquim Alves de Aguiar em sua pesquisa, intitulada *Espaços da Memória: um estudo sobre Pedro Nava*⁶. Devo a estrutura deste trabalho a essa alentada pesquisa sobre a obra naveana, como o próprio título anuncia. Ainda que na área de Letras, esse trabalho ser-me-á de grande valia para as reflexões filosófico-educacionais que pretendo desenvolver.

⁵ O estudo em questão é **Bergson – o método intuitivo**: uma abordagem positiva do espírito. Série Teses N. 1. São Paulo: Humanitas publicações FFLCH/ USP, 1998.

⁶ Trata-se de uma tese de doutorado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada (DTLLC) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), em 1996.

Como disse Barbara Freitag, em *O Indivíduo em Formação*, literatura e educação possuem “uma verdadeira *Wahlverwandschaft*, afinidade eletiva, nos termos de Goethe” (2001, p. 66). Meu desejo é justamente investigar essa simbiose entre literatura e educação, duas áreas as quais, a depender do enfoque, podem apresentar muitos pontos de aproximação.

1 MEMÓRIAS

Antes de adentrar a vida de Pedro Nava, a fim de tentar desvendar elementos que expliquem como se deu o processo de (auto) formação do memorialista, julgo ser importante conceder um capítulo ao gênero textual que celebrizou o escritor em questão: memórias.

No entanto, não me parece ser tarefa muito simples conceituar tal gênero, principalmente pela sua semelhança com outras formas similares de escrita, como a autobiografia, o diário e as confissões. Massaud Moisés (2004, p. 46) diz que isso ocorre porque todos fazem, cada um a sua maneira, “o mesmo extravasamento do *eu*”. Na sequência, o estudioso procura esboçar uma tipologia das referidas formas de texto:

Enquanto a autobiografia permite supor o relato objetivo e completo de uma existência, tendo ela própria como centro, as memórias implicam um à-vontade na reestruturação dos acontecimentos e a inclusão de pessoas com as quais o biógrafo teria entrado em contato. Por outro lado, ao passo que o diário constitui o registro dia a dia de uma vida, quer dos eventos, quer das suas marcas na sensibilidade, as confissões decorrem do esforço de sublimar, pela auto-retratação, as vivências dignas de transmitir ao leitor (MOISÉS 2004, p. 46).

Por ser retirada da definição de “autobiografia”, essa passagem traz pouco aprofundamento específico de memórias. Entretanto, consegue dar pistas a este respeito quando diz “um à vontade na reestruturação dos acontecimentos”. Pode-se entender tal esclarecimento como um aspecto de liberdade que o gênero goza quando narra os acontecimentos pretéritos. Ao falar apenas de memórias, Moisés, amplia as afirmações, e nos faz compreender melhor as peculiaridades de tal tipologia: “Distorcido pela memória, o passado transfigura-se como se parecesse inventado, uma vez que o intuito reside menos no pacto autobiográfico estrito do que na reconstituição das lembranças que restaram do fluxo e refluxo dos dias”. (MOISÉS, 2004, p. 280, grifo meu). Dir-se-ia que, mais do que “parecer inventado”, há, de fato, no gênero em questão, invenção, pois não seria possível redigir um texto memorialístico ausente de sentimentos, de impressões pessoais, de eleições, por parte de quem escreve, acerca do que deve e do que não

deve ser dito. Tal afirmação ganha força, talvez, com a seguinte consideração:

Regido pelo testemunho pessoal, o gênero memorialístico não poderia existir se não fosse animado pelo sentimento, maior ou menor, para bem ou para mal, de nostalgia do passado vivido. Quanto mais recuado o tempo biográfico, mais propício ele costuma ser para as manifestações de saudade (AGUIAR, 1998, p. 153).

A palavra “saudade”, com a qual Aguiar encerra o período – e que, diga-se de passagem, está presente em abundância nas *Memórias* – designa algo que é, substancialmente, aproximação da emoção, do que é subjetivo. É, então, de um “inventor” de histórias que falo, um escritor, que faz de evocações pregressas da vida, matéria de literatura.

E assunto não falta: Pedro Nava tinha quase setenta anos quando decidiu contar sua própria vida. As experiências, portanto, que fizeram brotar as palavras, já haviam sido inúmeras. Quando Walter Benjamin⁷ disse, ainda na primeira metade do século XX, que estava ficando raro encontrar um bom narrador, porque “as ações da experiência” tinham se tornado escassas, certamente não é o mineiro quem nos vem a mente. Podemos dizer que sua função de memorialista foi duplamente auxiliada pelas experiências, pois estas lhe forneceram o “o quê” e o “como” escrever. Este último elemento de sua (auto) formação enquanto escritor é relativo à forma artística, carregada de subjetivismo e inventividade, que Nava concede aos seus livros; tal forma tem suas raízes em pessoas de cultura refinada, leituras de obras literárias e outros contatos diretos com as artes (como a pintura e o cinema). Por isso, nas *Memórias*, em muitos momentos, a imprecisão da escrita vem à tona. Ele, inclusive, associa seu *mister* ao de um historiador – para todos os efeitos, mais verídico. Ao descrever um cabaré de Belo Horizonte, na obra *Beira-Mar*, o autor assim faz:

Ponha-se, sobre essa multiplicidade de imagens, a ação arrebatadora da lembrança e do Tempo e teremos assim a evocação multiposta de ocasiões sem número. Isso pode explicar certos

⁷ Do texto “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”, presente na obra **Mágica e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura, 7. ed., São Paulo. Brasiliense, 1994, p. 197-198.

anacronismos que seriam imperdoáveis no historiador, mas que são o lote do memorialista e até seu direito (NAVA, 2003, p. 144).

Acima, percebe-se certa preocupação com a alinearidade da disposição dos fatos narrados, extraídos da memória, como se tal atitude consistisse em uma espécie de falta, caso seja relacionada com o modo de composição dos historiadores. Acerca deste assunto, Paul Ricouer, no volumoso *A memória, a história, o esquecimento*, pondera que, apesar de a historiografia questionar os fatos que possuem como fonte a memória, “nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança” (2007, p. 26).

Entretanto, não é apenas a ordem das lembranças que causa reflexões no autor, mas também a maneira como as coisas são lembradas ou esquecidas, no momento em que transpostas ao papel. Nava não esconde – e não quer esconder – aquilo que está mais aceso em sua memória e o que não recorda muito bem, por motivos diversos. Durante todo o desenrolar das *Memórias*, vi que o autor se cerca de todos os recursos possíveis para suprir eventuais lapsos que a memória apresente. E quando eles não são preenchidos por coisas materiais (cartas, documentos diversos), a criatividade entra em cena e o texto literário ganha força. Vale lembrar que, em seu processo de escrita, Pedro Nava escrevia apenas em um lado da folha. O outro era destinado a anexos: fotos, recortes e lembranças outras que fortaleciam seu texto memorialístico.

Quanto maior é a distância temporal do fato ocorrido, obviamente, mais há imprecisão e imaginação, portanto; e maior também é a quantidade de experiências vividas que, no momento da escrita, – compreendido aqui como experiência (auto) formativa – acabam por influenciar o que vai ao papel. Nava explica isso do seguinte modo: “É que o mais remoto, cada vez que vem à tona da memória, recebe um retoque e é aperfeiçoado por lembranças analógicas e congêneres de sucessos posteriores [...]” (CF⁸, p. 199). É como se fossem camadas verticalizadas da memória que vão se alinhando, durante as vivências do indivíduo, e que, tal qual uma carreira de

⁸ Utilizaremos as siglas sugeridas por Joaquim Alves de Aguiar para identificar as citações retiradas das quatro primeiras obras das *Memórias* de Pedro Nava, eleitas para constituir a base desta pesquisa. Então ficará da seguinte forma: BO (*Baú de Ossos*), BC (*Balão Cativo*), CF (*Chão de Ferro*) e BM (*Beira-Mar*).

dominós, o impulso de um move o que vem na sequência e esta ação faz acontecer, obviamente, o resultado final.

A propósito, o genebrino Jean Starobinski, no texto “Devaneio e transmutação” trabalha uma ideia semelhante quando analisa a obra *Devaneios de um caminhante solitário*, de seu ilustre conterrâneo Jean-Jacques Rousseau⁹. Em alguns momentos, Starobinski se vale das palavras do próprio Rousseau a respeito dos *Devaneios*, retiradas de suas *Confissões*: “Ao entregar-me ao mesmo tempo à lembrança da impressão recebida e ao sentimento presente, pintarei duplamente o estado de minha alma, a saber, no momento em que o acontecimento ocorreu e no momento em que o descrevi” (STAROBINSKI, 1991, p. 364).

Tais palavras, de certa forma, nos dão a pensar, teoricamente, sobre a memória – suas camadas – e o gênero memórias – no tocante ao processo de um “formar-se” do memorialista, que “pinta” suas reminiscências também com as cores da circunstância na qual escreve. Essa espécie de manobra, nas reflexões do comentador suíço, caracteriza-se como “devaneio segundo”, o qual, expressado através de palavras – e não de sensações, como é o devaneio primeiro – será o “eco retardado” do “devaneio original”, “a memória do devaneio”. No entanto, acerca do devaneio segundo, Starobinski alerta que

equivale ao devaneio primeiro; não lhe é inferior, com a diferença de que o devaneio primeiro opera em plena crise, no instante presente, enquanto que o segundo opera a frio, no universo das “segundas intenções”, isto é, na lembrança ou na nostalgia das imagens amadas, na representação diferida dos sentimentos (STAROBINSKI, 1991, p. 366).

O devaneio segundo trabalha, então, no momento (longínquo ou nem tanto) posterior ao que ocorre o instante da “crise”. As “segundas intenções”, operadas “a frio”, podem relacionar-se, justamente, com os pensamentos e sensações que o indivíduo possui – depois de passado algum acontecimento – e que, possivelmente, será diferente dos sentimentos vividos no devaneio primeiro.

⁹ Escrito no período de 1776 até a véspera de sua morte, em 1778, o livro, composto de dez devaneios/passeios, é um contundente e tocante registro dos derradeiros devaneios que ocuparam as andanças solitárias de Rousseau por Paris e seus arredores.

Em se tratando de lembranças distantes, *Bau de Ossos*¹⁰ é o melhor exemplo na obra de Pedro Nava. Por falar de acontecimentos bastante remotos da vida do autor (anteriores, inclusive, ao seu nascimento), este precisa, muitas vezes, utilizar-se de uma ferramenta com a qual possui intimidade: a arte da escrita. Sobre isto, Antonio Candido, no estudo “Poesia e ficção na autobiografia¹¹”, pondera: “o relato adquire um cunho de efabulação e o leitor recebe como matéria de romance” (2006, p. 73). Logo na primeira parte do livro, o autor em exame dá pistas de como trabalha a memória para produzir memórias:

Os mortos... Suas casas mortas... Parece impossível sua evocação completa porque de coisas e pessoas só ficam lembranças fragmentárias. Entretanto, pode-se tentar a recomposição de um grupo familiar desaparecido usando como material esse riso de filha que repete o riso materno; essa entonação de voz que a neta recebeu da avó [...] (BO, p. 32).

Na continuação, Nava define o movimento acima: “esse jeito de ser hereditário que vemos nos vivos repetindo o retrato meio apagado dos parentes defuntos; o fascinante jogo da adivinhação dos traços destes pela manobra da exclusão” (BO, p. 32, grifo meu). Ou seja, quando não há muito em que se pautar, o que se tem a fazer é deduzir e tentar (re) criar. Por isso, não é raro o leitor descobrir, no *Bau*, termos que remetam à incerteza, tais como “parece” e “ao que sei”. Neste sentido, por exemplo, existe uma passagem que trata de Dona Maria de Barros Palácio, senhora que costumava frequentar a casa da avó, Maria Luísa. O autor não a conheceu pessoalmente, o “pouco” que dela sabe ouviu das tias: “Parece que a grande ocupação de sua vida foi estar grávida e parir. Criou oito filhos. Perdeu doze, na infância” (BO, p. 46).

Outro momento de habilidades de escrita refere-se ao comércio de quem foi proprietário Pedro da Silva Nava, avô paterno, que o neto memorialista nem chegou a conhecer. A descrição inicia da seguinte forma: “Não tenho informação de onde nem como seria, em Fortaleza, a casa importadora de meu avô [...]” (BO, p. 49). Em seguida, o autor revela ter visitado o local em 1919, “imobilizada na estabilidade da *belle époque* e ainda tal e qual fora nas mãos do Barão de Aratanha, conjecturo

¹⁰ O primeiro livro das memórias de Pedro Nava será a base para este sub-capítulo.

¹¹ Ver *A educação pela noite*, 5 ed., Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2006.

o que havia de ter sido [...]” (BO, p. 50). O verbo “conjeturar” denuncia que o que vem pela frente, no texto, tem uma grande parte de imaginação, que, como não poderia deixar de ser, acaba incluindo ou excluindo coisas, de acordo com a vontade do escritor. Abaixo, um relato de como era (ou devia ser) a rotina de trabalho de Pedro, o avô:

Passava horas no meio dos fardos, dos amarrados, das latas, dos engradados e dos caixotes dos vinhos, das conservas, das manteigas, dos presuntos, dos azeites, das tintas, das ferragens, dos couros, dos panos grossos e das fazendas finas que lhe chegavam de Hamburgo, de Liverpool, do Havre, de Gênova, do Porto, e que ele distribuía pelo Município Neutro e províncias do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de São Paulo (BO, p. 72).

Por falar em família, Joaquim Alves de Aguiar comenta que Nava nutria uma admiração especial pela família do pai (e isso é bastante perceptível para quem lê as *Memórias*), fazendo com a família materna um jogo de bem e mal. Para perceber este comentário, seria interessante observar o capítulo “Família”, do presente trabalho, no qual a avó materna e o tio (casado com uma irmã do pai) são apresentados. Arrisco dizer que esta admiração por um lado em especial parece ter colaborado para a vontade de produção literária do autor. Veremos o porquê mais adiante.

Mais uma preocupação que se deve ter ao falar de Pedro Nava escritor, é em relação à peculiar linguagem que ele adota. Tudo é hiperbólico: são seis grossos volumes, narrados em um estilo assumidamente “barroco”¹², que não economiza em aliterações, assonâncias, metáforas, sinestesias, antíteses, entre outras figuras de linguagens. Adiantando um pouco um assunto do qual falarei no último capítulo da pesquisa, gostaria de citar a permanência do autor em Belo Horizonte, na época da faculdade. Houve, então, uma ligação com nomes do Modernismo; primeiramente de Minas, depois veio o contato com figuras como Oswald e Mário de Andrade, provindos de São Paulo. Estas interações imprimiram no memorialista características como o coloquialismo, a frase curta, o humor. Porém tudo isso foi misturado a

¹² Joaquim Alves de Aguiar cita uma entrevista de Nava a Edina Regina Panichi, na qual o memorialista afirma ter sido chamado de “barroco”, pelo professor da UnB Fernando Correia Dias, por apreciar “a frase pela frase”, a “palavra bonita”, os adjetivos.

influências oriundas de literatura popular oral (ouvida de familiares ou escravas), de leituras caudalosas (como os romances de Eça de Queiroz – romancista profundamente admirado por Nava e que tanto o influenciou) – e de seu perene interesse pelas artes plásticas, que transfere para a escrita, tornando-as, muitas vezes, pictórica¹³. O resultado disso é algo que pode soar, ao mesmo tempo, *démodé* e ousado.

Pelos motivos explicitados no parágrafo acima, o texto em prosa naveano parece ficção. É sobre este aspecto que Antonio Candido se debruça no já citado estudo, presente na obra *A educação pela noite*, a qual, ao falar de Pedro Nava, refere-se apenas a *Bau-de-Ossos* e *Balão Cativo*. Ele diz que o modo peculiar com o qual o autor se expressa faz emergir uma “verdadeira estilística da universalização” (2006, p. 76). Isto porque, segundo o crítico, o particular de cada um, quando levado ao público com técnicas reconhecidamente poéticas, ganha cores universais. E a respeito dessas técnicas, Candido destaca, por exemplo, algo que tem a ver com o coloquialismo do qual falamos anteriormente: o uso do lugar-comum. Sobre isto, comenta Candido:

O lugar comum, a fórmula consagrada, a frase feita, dito exemplar, a citação implícita são frequentemente postos pelo Narrador no correr natural da frase, não como referência, nem em destaque; mas com se estivessem nascido do movimento normal da sua escrita (CANDIDO, 2006, p. 80).

Em primeiro lugar, gostaria de chamar a atenção para o termo “Narrador”, utilizado porque o artigo se intitula “Poesia e ficção na autobiografia”. Desta maneira, percebe-se que a intenção do texto é tratar a autobiografia como texto literário¹⁴. Em segundo, convém destacar que, de fato, as frases populares, tão presentes nas *Memórias*, aparecem sempre de maneira natural, espontânea, sem que se perceba qualquer inserção forçada por parte do autor. Como forma de ilustração, Candido usa uma situação ocorrida com Maria Luísa, avó de Nava. Antes de casar com o primeiro marido, o alemão Halfeld, ela amara um

¹³ Há que se lembrar que Nava foi um exímio desenhista.

¹⁴ Nesta dissertação, sempre que me referir a Pedro Nava, farei uso de possibilidades, como: o próprio nome, “Nava”, “o autor” ou “memorialista”. Não chamarei o memorialista de “narrador”, pois minha intenção é diferente da de Antonio Candido, embora ele tenha contribuído deveras para a pesquisa.

homem que acabou deixando de lado por despeito. Um dia, porém, ele apareceu, novamente, para ela. Para descrever tal ocorrência, o memorialista diz um trecho do Credo, modificado: “Até que Inácio Gama ressurgiu dos mortos ao terceiro dia”.

De certa forma, os comentários acima não deixam de indicar a força da linguagem literária, artística, poética de Pedro Nava. Este, entretanto, procura, em vários momentos das *Memórias*, mostrar (falsa) modéstia. Não se considera, enfim, poeta. Quando se flagra em seus arroubos poéticos, poda-se: “Mas deixa de patacoada, Pedro! Deixa esses luxos para quem pode, e cuida de tuas descobertas do bairro, do mundo” (BC, p. 118), recolhendo-se, assim, a seu papel de memorialista, “apenas”.

2 A FAMÍLIA

Segundo o *Dicionário das famílias brasileiras*, os Nava são oriundos do Maranhão, “com ramificações em Juiz de Fora, Minas Gerais” (BARATA; BUENO, 2000). O primeiro nome que aparece do clã é Fernando Antônio Nava, que foi casado com Raimunda Antônia da Silva. São estes os bisavós paternos de Pedro da Silva Nava. Os avós são Pedro da Silva Nava e Ana Candida Pamplona, provenientes, respectivamente, do Maranhão e do Ceará. O pai, José Pedro da Silva Nava foi Diretor da Higiene Municipal de Juiz de Fora.

O lado materno, por sua vez, tem em Maria Luiza Pinto Coelho da Cunha (avó) sua figura mais marcante (do ponto de vista de Pedro Nava). Era ela filha de Luiz Pinto Coelho da Cunha e Maria Carolina Pereira da Silva. Trata-se de uma típica família mineira.

Mas Pedro Nava, em relação aos seus antepassados, vai muito mais longe do que o referido dicionário, trazendo aos leitores (no *Bau de Ossos*, principalmente) informações sobre a sua genealogia que remontam seus Pentavós, que foram Salvador de Souza Brasil e Tereza Joaquina (por parte de pai); e Leonel Pereira de Alencar e Maria de Assunção Jesus (por parte de mãe).

E os relatos não ficam apenas em nível meramente informativo: o autor traz a público muito da vida privada de sua família. No prefácio à *História da vida privada*, Philippe Áries e Georges Duby afirmam:

No privado encontra-se o que possuímos de mais precioso, que pertence somente a nós mesmos, que não diz respeito a mais ninguém, que não deve ser divulgado, exposto, pois é muito diferente das aparências que a honra exige guardar em público (1990, p. 10).

Entretanto, o próprio Deby, na sequência da reflexão, completa que as famílias, apesar de terem sido “enclausuradas”, com o passar dos anos, entre os muros de suas casas, “por dentro e por fora dessa ‘clausura’ [...] constantemente se travam combates”. (ÁRIES; DUBY, 1990, p. 10) Os integrantes das famílias entram em conflito entre si, posto que cada um possui a sua individualidade e procura defendê-la, e entre os de além-muros. Pedro Nava, através de suas memórias, traz essas duas facetas dadas ao conhecimento de todos. Ou então, simplesmente conta, através da escrita, aquilo que recorda dos parentes próximos e dos distantes.

Durante as *Memórias*, uma infinidade de figuras retorna ao palco da vida: são tios, primos, amigos, amigos dos amigos, e muitos outros personagens cotidianos que movimentam a narrativa. Afetos e desafetos são revelados com maestria por Nava e se revelam, até certo ponto “crus”, sem idealização.

Para Joaquim Alves de Aguiar, são três as figuras essenciais na vida do escritor: Maria Luísa (avó), Antônio Salles (tio) e Antônio Ennes de Souza (tio-avô). É o próprio Alves quem esclarece:

A avó por seus traços negativos; o tio por seus traços positivos. Aos dois iria se acrescentar Ennes de Souza, primo-irmão do avô paterno de Nava. Foi no Rio de Janeiro que o escritor pôde conviver com esse parente (1998, p. 66-67).

Procurarei desenvolver as indicações de Aguiar, no intuito de levantar reflexões acerca de como o meio familiar contribuiu para, mais tarde, fazer emergir este fecundo memorialista brasileiro.

2.1 A AVÓ

É de senso comum exaltar o papel das avós na formação das crianças. Pedro Nava, entretanto, no que se refere à avó materna, D. Maria Luísa da Cunha – Inhá Luísa ou Inhazinha, como era chamada –, não guarda lembranças agradáveis e faz questão de exteriorizar seus sentimentos. Talvez, por isso, paradoxalmente, ao que parece, ela tenha marcado, significativamente, para a posterior arte literária de Nava.

Ela é fonte de impressões e conteúdo para recheiar as *Memórias*. É possível sentir sua forte presença em diversos momentos das narrativas. Era filha de uma família conservadora e escravocrata de Minas e, pela descrição do narrador, guardava ainda velhos costumes dos seus antepassados. Apesar de não haver mais escravidão, a avó mantinha “umas negrinhas” à moda antiga; e os que não eram escravos, muitas vezes, eram tratados como tal. Em poucas palavras, ela é apresentada: “Minha avó Maria Luísa, que foi mãe admirável, sogra execrável, sinhá odiosa para escravas e crias, amiga perfeita de poucas, inimiga não menos perfeita de muitas e corajosa como um homem – era de boca insolente e bofetada fácil. Te quebro a boca, negra. E quebrava” (BO, p. 186).

Conta-nos Nava que, na juventude Inhá Luísa fora muito bela. Quando sua família chegou, ainda no século XIX, pela então Fazenda do

Juiz de Fora, a moça era uma adolescente e encantou um morador da localidade: o Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld, um rico fazendeiro alemão viúvo (duas vezes), que tinha jeito de homem bondoso. Ele pediu-a em casamento várias vezes e ela, em decorrência das óbvias diferenças entre os dois, recusava. Em fins de 1866, quando Inhazinha já ia pelos dezenove anos e Halfeld setenta, depois de muita insistência dele, ela aceita. Noivam. O casamento acontece em 13 de julho de 1867. Os pais da noiva, Dona Mariana e o Sr. Luís da Cunha, estavam satisfeitos em ver a filha unindo-se a um milionário. As primeiras impressões de que o fazendeiro era um bom homem se confirmam no cotidiano dos recém-casados:

O alemão vivia babado com a esposa. Para acordá-la tinha requintes de amor primaveril. Colhia uma rosa toda orvalhada e vinha passá-la, fria e úmida, no decote quente e seco da moça. [...] Noutros dias o silêncio do quarto vibrava aos sons de ouro e prata das gavotas e dos minuetos de uma caixa de música que ele acionava, para tirar a esposa do sono, dentro de uma onda de acordes (BO, p. 138).

Tiveram uma filha: Maria Berta Halfeld. A união, porém, findou em 22 de novembro de 1873, quando o Comendador faleceu. Após enviuvar, Inhá Luísa contraiu núpcias novamente, com Joaquim José Nogueira Jaguaribe, homem que, aos poucos foi se distanciando da esposa. O motivo, talvez, foi o fato de ela ir perdendo a graça de outrora. Os desgostos da vida enfearam a mulher:

Os dentes estavam caindo um a um. Cara fechada. Sempre de matinê sobre umas saias de flanela mais compridas nas costas e fazendo um arremedo de cauda – encardida de arrastar no chão. E era de chinelas que ela passava o dia [...] (BC, p. 18).

Ela gerenciava a família com pulso firme. Como raramente tinha o marido ao pé de si, precisava arcar com o pequeno e o grande. Sua responsabilidade ia desde a comida que era servida à mesa ao dinheiro com o qual as contas da casa deveriam ser pagas. Jaguaribe não sabia lidar com os bens materiais e acabou por esgotar quase tudo o que Halfeld deixara para a esposa. “Havia um prejuízo cada ano” (BO, p. 194).

Segundo as *Memórias*, a primeira infância de Pedro, em Juiz de Fora – sua cidade natal – oscilou entre dois espaços distintos: a casa dos pais e a da avó. Quando ele ganhava um irmão ou ocorria algum contratempo, a família do menino passava uma temporada na casa da avó. José Pedro, o pai do narrador, ia muito a contragosto, pois não aceitava as atitudes ditatoriais e grosseiras da sogra. Esta situação, deveras desconfortável, evidencia uma espécie de embate entre duas forças. De um lado, uma família mineira de costumes despóticos e incautos; do outro um povo cearense culto e humanista, do qual descendia seu pai. O escritor deixa patente a preferência pelo segundo grupo. Isto não deixa de revelar um certo maniqueísmo, que é um recurso próprio dos literatos que lançam mão de recursos próprios de romancistas.

A força de Inhá Luísa seduzia o neto Pedro, apesar de este não ser o preferido. E ele escreve: “velha, feia, indiferente e distante a Inhá Luísa tinha uma autoridade imanente, uma imposição natural e uma majestade espontânea que me fascinavam” (BC, p. 23).

Pedro seguia os passos da avó, pela casa e pelo quintal. Ela, apesar de idosa, trabalhava rápida e vigorosamente, lidando com suas flores e frutas. Nava diz, no entanto, que era solenemente ignorado; em uma passagem de impacto, ele revela até onde chegava a crueldade de Inhá Luísa:

Comia das suas frutas, sem me oferecer. Minto; deu-me, uma vez, para provar, um caroço de manga já chupado, quente, babujado por ela. Foi engulhado que aproveitei esse único gesto amável que conheci de minha avó materna (BC, p. 26).

A “distância” entre os dois acabou, em certa medida, por provocar no menino um desejo de autonomia, de fazer, imaginar e descobrir as coisas por si só: eram experiências solitárias, mas repletas da ousadia que todo enfrentamento, em nome dos primeiros rasgos de “um si mesmo”, carrega. Como ela não oferecia frutas, ele mesmo as buscava (escondido), adquirindo, assim, aprendizados, junto à natureza, sem que ninguém lhe desse muitas explicações. Seu espírito observador se voltava aos insetos e aos passarinhos; pisava nas folhas, brincava nu de índio:

Larguei de andar atrás de suas saias e de acompanhá-la na exploração do tempo de suas

gavetas mágicas. Aprendi a penetrar sozinho na chácara e a faltar-me, escondido, de suas frutas proibidas. Para penetrar esse pecado original eu pulava o muro do terreiro para a *casa-velha* e desta, o de nossa própria chácara (BC, p. 30).

Estas brincadeiras solitárias lembradas por Nava me remetem às líricas e poéticas passagens que lemos no *Emílio*, de Rousseau. Lá, o papel da experimentação da natureza motivada pela curiosidade, especificamente infantil, é do mais alto valor. Emílio “cedo adquire uma grande experiência, toma aulas de natureza e não dos homens; [...]” (2004, p. 139). É certo que as experiências do menino Pedro não foram planejadas por um adulto que estivesse interessado em dirigir-lhe à distância, como faz o ardiloso preceptor de Emílio. A comparação se dá apenas pelo fato de os aprendizes em questão não terem alternativa senão a busca do conhecimento de mundo, por vezes, sem intermediários diretos.

A falta de condutores adultos, em certos momentos da experiência infantil, demonstra uma precoce (e notável!) capacidade de Pedro Nava em “arranjar-se” internamente. Esta autonomia possui múltiplas contribuições para esta pesquisa. Em primeiro lugar, potencializou, por assim dizer, a habilidade observadora de Nava (que talvez já fosse a ele inerente), tão significativa para a (auto) formação de um memorialista, já que depende de uma sensibilidade muito própria para “enxergar” e, depois, contar.

Aos poucos, o menino adquiriu a capacidade de fazer por si só, sem esperar que alguém faça em seu lugar: ele “largou de andar atrás de suas saias” e buscou suas próprias experiências e impressões. Muitas situações como essa fizeram parte da vida de Nava e, talvez, tenham contribuído para desenvolver os primeiros sentimentos de independência, tão importantes para aquele que está sendo formado e formando-se ao mesmo tempo. A esse respeito, lembro aqui de uma ideia de Marlene de Souza Dozol (2003), que, para tratar da relação discípulo-mestre, alude ao mito de Ícaro. Este, desobedecendo às ordens de Dédalo, seu pai, voa muito próximo ao sol e deixa derreter suas asas de cera. Não pretendo tratar das possibilidades interpretativas oferecidas pela referida autora, destaco aquela na qual a desobediência de Ícaro poderia ser entendida

como sinal de independência do discípulo, e, nesse caso, ressalta-se a importância de o

discípulo arriscar-se na descoberta e na construção de si próprio – afinal, essa construção bem pode ser configurada mediante um ininterrupto confeccionar e derreter de asas (DOZOL, 2003, p. 06).

Esta “autossuficiência” precoce parece ter tido valor para o futuro memorialista, que, como tenho colocado, sofreu influência formadora do entorno, mas é também imbuído de uma iniciativa própria que o impulsiona experimentar o mundo e, mais tarde, as letras que, no caso de Pedro Nava, estão associadas à necessidade de evasão diante das dificuldades e das amarras impostas pela realidade.

A esse propósito, Davi Arrigucci Jr., no excelente artigo “MóBILE da Memória”, diz que Nava, em suas *Memórias*,

confessava também o prazer, a dor, a liberdade que sentia ao escrever. Comentava que a sensação catártica de botar para fora tanta coisa guardada, de exorcizar fantasmas do passado, matando-os de novo bem mortos no papel. Insinuava o desejo de transgressão, de perder a compostura na escrita depois de uma vida inteira tão regrada como médico e professor, de viver de algum modo por escrito a grande liberdade que tanto admirava, por exemplo, na vida estuante de Vinícius de Moraes, o homem mais livre que conheceu (1987, p. 68-69).

A escritura, pois, traz alívio ao presente, com a ação de matar os fantasmas do passado e trazer liberdade, ainda que somente no texto.

Tais reflexões fazem lembrar, mais uma vez, Starobinski e seu estudo sobre os *Devaneios* rousseauianos. Como falei antes, ele afirma que existirem dois tipos de devaneio: o primeiro, que se trata do momento no qual determinada ação ou sensação ocorreu, e o segundo, cuja função é o de registrar (a partir de uma subjetividade atual) o acontecimento pregresso. A respeito deste último, e ampliando a citação feita no capítulo anterior, o referido autor explica:

Em compensação, o devaneio segundo não se desenvolveria se não tivesse em sua origem um sentimento *atual* (de inquietação, de angústia, de incerteza etc.) que o incite a buscar socorro em uma realidade distante: o passado fora do alcance,

os êxtases findos, as delícias impossíveis, o fantasma das emoções, o antigo projeto de escrever (1991, p. 366).

Em Rousseau, o devaneio segundo será, por conseguinte, uma espécie de “transmutação purificante”, uma forma de evadir em direção a situações pregressas, a qual assumirá uma função analgésica para amenizar as dores de um indivíduo com mania persecutória, vivendo em uma sociedade que julga corrompida. Starobinski aponta que, no oitavo passeio dos *Devaneios*, Rousseau revela como os intervalos de lembranças ajudam a curar (ainda que parcial ou momentaneamente) as “feridas” do coração, transformando “a dor em volúpia” (STAROBINSKI, 1991, p. 372). Não ocorreria algo do gênero com Pedro Nava?

Mas, não esqueçamos de Nhá Luísa. Voltemos, então, a ela.

A avó tinha em suas “gavetas mágicas” – conforme citação que deixamos páginas atrás – uma espécie de prolongamento de uma saudade de si mesma. Nelas, ela guardava pertences que a remetiam a outros tempos, de satisfação e felicidade junto a seu amado Halfeld. O que percebi, então, é que também a avó mantinha memórias escolhidas e seus momentos catárticos. Tais memórias e momentos estão contidos dentro da memória do neto, mesmo que não falados ao menino Pedro Nava.

Então, para além das inevitáveis experiências de infância que acontecem longe dos olhos adultos que mereceram a atenção dada acima, quero reforçar um pouco mais a presença de Inhá Luísa na memória expectadora do autor. Segundo ele próprio, ela era uma mulher à frente do seu tempo: comandava a casa sozinha (o marido estava sempre em viagem) e apreciava as artes. Suas filhas Berta, Iaiá e Diva (mãe do autor) tocavam instrumentos musicais. A única que não se adequou muito à execução da música foi Risoleta, “que tinha ficado para trás e não ia além do *bife*, tocado com dois dedos [...]” (BC, p. 19). A avó adorava também a poesia, deixando “cadernos e mais cadernos, um mundo de álbuns, onde copiava o que lhe agradava. Poesia brasileira, portuguesa e francesa” (BC, p. 19). Conhecia também francês – aprendido com a parisiense Madame Costa, dona do colégio onde Inhá Luísa estudou quando jovem – e possuía rudimentos de latim.

É na hora da morte da avó, entretanto, que Nava revela como boa parte de seu ser (humano e, como pretendemos desenvolver neste trabalho, memorialista) foi constituído por ela. Suas palavras demonstram isso, com todo o talento literário do qual é capaz:

Não morri jamais de amor por minha avó. Mas sei quando ela coça dentro do meu corpo e quando nele pesa. Pedra. E agradeço o que dela me veio da ancestralidade que tanto prezo. Por ela é que subo os troncos de mineiro, de paulista, de ilhéu, lusiada e galego [...]. Ela estava morrendo e eu sentia confusamente que cada um de nós morria um pouco daquela morte da filha do Luís da Cunha (BC, p. 82).

Dos traços “negativos” da avó, passemos para as características positivas e formativas (de modo inverso) do tio do memorialista.

2.2 O TIO

A presença de Antonio Salles foi bastante diferente da de Inhá Luísa na vida contada de Pedro Nava. Não por acaso as experiências vividas com os dois parentes exerceram tipos de influência diferenciados na (auto) formação do memorialista. E isso fica evidente para quem lê as *Memórias*. As figuras da avó e do tio aparecem ao longo de todos os seis volumes da obra. Aliás, isso também ocorre com Ennes de Sousa, pessoa/personagem que será o foco do próximo sub-capítulo desta pesquisa. No entanto, sobre o tio Salles há quase um capítulo inteiro de *Balão Cativo*. Joaquim Alves de Aguiar, que tem sido um importante suporte para nossa leitura, alerta para o fato de que, em homenagem à vida e à obra do cearense, considerado um “mestre” pelo sobrinho, são concedidas “várias páginas de *Bau de Ossos* e todo um capítulo de *Balão Cativo*” (1998, p. 58).

Nascido em 1868, no distrito de Parazinho (CE), Antônio viveu, segundo o autor, uma vida irretocável. Era o mais velho de uma família numerosa e, por isso, teve que arcar com um maior número de responsabilidades. Quando criança, frequentou pouco a escola, pois “gastava seu tempo com o mar, o vento e o campo. Corria nas praias, mergulhava, bebia do salso, ressurgia das espumas borbotando [...]” (BC, p. 250). Aos quatorze anos, o pai ficou cego e, bravamente, o adolescente foi procurar emprego em Fortaleza para prover o sustento da família. Conseguiu. Nas horas vagas, ele, de forma autodidata, aprendia grego, latim, alemão, francês, italiano e português.

Na lembrança/descrição de Salles, percebe-se a idealização operada pelo autor: a pessoa do tio é descrita e adornada pela memória afetiva, temperada com ingredientes românticos. A única passagem que

toca em um ponto mais fraco dele é quando sua carreira de funcionário público é comparada com a de escritor. Não que possa vê-lo como um mau funcionário, a partir das palavras do sobrinho (ele não seria capaz disso), mas o que se lê é que Antônio Salles tinha mais prazer – e obteve mais êxito – com as letras. Talvez caiba aqui uma breve comparação, salvas as devidas proporções, com o que ocorreu com o próprio Pedro Nava, que foi médico exemplar durante toda a vida, mas alcançou fama, junto ao grande público, quando começou a publicar suas memórias.

A partir de 1887, Antonio Salles começa no jornalismo. Um ano depois, durante o governo de Caio Prado¹⁵, que foi seu amigo, ingressa na carreira pública, assumindo o cargo de secretário da Seção de Estatística Comercial da Província do Ceará. Ainda no ano da Abolição, conheceu Alice Nava, “morena, bem-feita de corpo e seus trezes anos pareciam dezoito” (BC, p. 255). Em 1890, sai a primeira publicação do tio Salles: *Versos Diversos*, obra que foi bem aceita pelos críticos. Quatro anos depois, pede demissão do cargo (por desavenças políticas), publica seu segundo livro, *Trovas do Norte*, e contrai matrimônio. Conhece José Veríssimo e, por intermédio dele, torna-se membro da recém-criada Academia Brasileira de Letras, localizada na Travessa do Ouvidor, 31 “e esse endereço passou a ser o terceiro de Antonio Salles, com o Tesouro Nacional, onde trabalhava e o de Silveira Martins, 100, que era o da pensão onde morava” (BC, p. 261). Firmou, então, amizade com grandes nomes da literatura brasileira, como Machado de Assis e Artur Azevedo. Por ser um sujeito de oposição ao poder instituído, criou vários conflitos, através de seus escritos satíricos – no que, segundo Nava, ele possuía grande habilidade – e isso o obrigou, em 1904, a mudar-se para o Rio Grande. Mas logo retornou, retomando a “vida de imprensa”, a qual o acompanhou sempre. O alvo principal de seus textos jornalísticos, em tempos de Primeira República, era a política. Contudo, o autor nos alerta no sentido de que Antonio Salles, em seu tempo, “foi [...] o mais fecundo observador do movimento político, literário, artístico, crítico e filosófico” (BC, p. 275).

Pedro Nava permaneceu sob os cuidados do tio Salles e da tia Alice durante o tempo em que estudou no Colégio Pedro II. A primeira coisa que realmente chamou a atenção do adolescente, na casa dos tios,

¹⁵ Antonio Caio da Silva Prado (1853-89) foi nomeado presidente da província do Ceará por carta imperial de 25 de março de 1888. Nascido em São Paulo, de família rica e tradicional, irmão do renomado escritor Eduardo Prado, foi educado na Europa, cursou engenharia na França e formou-se em Direito em São Paulo. Assumiu o governo do Ceará em 21 de abril de 1888.

foi a biblioteca. “As seis estantes chegando quase ao teto, suas tábuas vergando ao peso daquele mundo de livros” (BC, p. 206). O menino já havia descoberto a leitura na escassa biblioteca do Anglo, colégio que conheceremos mais adiante. Mas agora era diferente. Antonio Salles colecionava (e lia) grandes nomes nacionais e internacionais, que o sobrinho foi aos poucos, saboreando. Havia Byron, Walt Whitman, Gil Vicente, Camões, Lima Barreto, Olavo Bilac, Machado de Assis e outros tantos. Lá figuravam também obras de arqueologia, biologia, sociologia, botânica etc. Além disso, consolidando o sincretismo do tio culto, não faltavam gramáticas de inúmeros idiomas. O autor relata que leu sem uma ordem pré-estabelecida, conforme comprova a interessante passagem abaixo:

O que ele mandava é que eu lesse. O que fosse. Livro. Revista. Jornal. Até catálogo de telefone. Tudo era sagrado porque tudo era letra impressa. Foi assim que eu li. Meio pantagruelicamente, muitas vezes começando pela sobremesa, acabando pela sopa; comendo peixe com vinho tinto e entronando do branco na cambulhada dos assados. Entretanto, devorando, digerindo e esquecendo (BC, p. 207).

Como se vê, Nava associa o livro à comida. Tal relação merece, talvez, uma breve atenção. Observei que, para Nava, a leitura tem função quase orgânica, vital. O amor que revela, em vários momentos das *Memórias*, ao objeto livro é tão intenso que é difícil pensar na vida (de memorialista, inclusive) de Pedro da Silva Nava sem ele. Curiosamente, há outros exemplos de escritores brasileiros que compararam livro com alimentos. Rubem Braga, citado por Nava como um dos grandes cronistas do Brasil, possui um texto chamado *O Padeiro*¹⁶. Nele o referido autor põe lado a lado dois profissionais essenciais para a sociedade: o jornalista e o padeiro. Braga concede igual relevância aos dois, visto que ambos “alimentam” as pessoas: “O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar” (2004, p. 207). Ainda em nossas letras, podemos falar de Monteiro Lobato e sua famosa obra *A Reforma da Natureza*. Nela há um capítulo denominado “O Livro Comestível”, em que a inquieta personagem Emília tem a ideia de transformar o livro em pão: o *livro-pão* ou o *pão-livro*. E a boneca

¹⁶ Crônica contida em *Ai de ti, Copacabana!*, São Paulo, Record, 2004.

arremata: “Quem souber ler, lê o livro e depois come; quem não souber ler come-o só, sem ler. Desse modo o livro pode ter entrada em todas as casas, seja dos sábios, seja dos analfabetos” (1994, p. 22). Leitura é, dessa forma, “alimento”.

Já de início, a leitura como “alimento”, em muito corroborou para a (auto) formação de Pedro Nava como um fazedor de memórias. É fato que estou falando de alguém que sofreu influência do popular, haja vista a grande quantidade, no transcorrer das *Memórias*, de quadrinhas e cantigas populares, as quais foram aprendidas através do contato com escravas e outras pessoas de simplicidade e fala coloquial que se fizeram presentes na vida de Nava e deixaram reminiscências¹⁷.

Entretanto, Pedro Nava é, sobretudo, um homem cultivado. E isso vem de “berço”, por assim dizer. A arte estava consigo até mesmo antes do nascimento, na figura do pai, por exemplo, que fora médico e escrevia bem (tal pai, tal filho?). Não se pode afirmar, deste modo, simplesmente, que Nava é um contador de causos que guardou da oralidade: suas *Memórias* são impulsionadas pelo grande repertório cultural que ele carregava, acumulado por muitos anos. Para Arrigucci Jr., constituiria ingenuidade

pensar que o autor que já em 1925 comentava Cubismo, projetava abrasileirar a expressão com base na língua cotidiana e popular, submetia poemas escritos segundo os novíssimos padrões da poética modernista ao juízo crítico de Mário de Andrade, pudesse ser apenas um narrador primitivo, como os típicos da tradição oral, cinquenta anos depois (1987, p. 70).

De qualquer modo, a escrita de Pedro Nava mistura tudo isso, procurando a expressão artística para dar uma forma ao vivido. Comentemos agora sobre as *excursões* que tio e sobrinho empreendiam pelo Rio de Janeiro, à época da *Belle Époque*¹⁸. Pegavam,

¹⁷ Como exemplo, é possível lembrar de uma oração popular Rosa, escrava da avó Maria Luísa, recitava e que Nava adorava: “Com Deus me deito,/Com Deus me levanto./ Na graça de Deus/E do Espírito Santo”.

¹⁸ A *Belle Époque* é normalmente compreendida como um momento na trajetória histórica francesa que teve seu início no final do século XIX, mais ou menos por volta de 1880, e se estendeu até a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914. Esta época é até hoje lembrada como um momento de florescimento total do belo, de transformações, avanços e paz entre o território francês, onde este movimento se centralizou, e os países europeus mais próximos. Surgem novas descobertas e tecnologias e o cenário cultural fervilha, com o aparecimento dos

primeiramente, o bonde e seguiam rumo ao Largo da Carioca. Dentre os lugares visitados que marcaram Pedro Nava, destaca-se a livraria Garnier, descrita, “fotograficamente”:

Podia-se dividir a loja em três partes. Duas seqüências de estantes – as mostras laterais e a banquetta do centro. Lembro até o lugar dos livros. [...] Nas estantes, à esquerda de quem entrava, aquele sorvete de creme das encadernações da Coleção Nelson [...]; mais para adiante, os portugueses onde destacava-se Eça de Queirós, alguns volumes ainda encadernados em carneira e os mais modernos em percalina verde, parda ou vermelha (BO, p. 221).

E foi nessa espécie de “santuário” cultural que Nava conheceu pessoalmente brasileiros ilustres, que lhes foram apresentados por tio Salles. Foram eles: João do Rio, Lima Barreto, Alberto de Oliveira e Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac. Estas personalidades ganham descrições pontuadas, em alguns momentos, pelas linhas do romance e do cômico. Ao falar, por exemplo, do ilustre criador de Policarpo Quaresma, Isaías Caminha e Clara dos Anjos, o narrador diz que “ele estava que nem gambá, todo ardido e suado de vir rolando dos seus subúrbios [...]” (BC, p. 224). Apesar de Lima Barreto ter tido problemas de alcoolismo, nota-se certo exagero por parte de Nava na caracterização, passando, talvez, a impressão de que famoso escritor vivia constantemente com aspecto de quem acabou de “sair da sarjeta”.

Guiado pelas mãos do tio Salles, Pedro circulava por outros pontos conhecidos do Rio, como as ruas do Ouvidor e Primeiro de Março, a Praça Quinze e a Avenida Rio Branco, “a sala de visitas da cidade” (BC, p. 236). Senhoras e senhores desfilavam com garbo e elegância por lá, conversando, flertando ou apenas convivendo socialmente. Pelo centro da cidade mais duas celebridades nacionais são vistas, com encantamento, pelo menino: Alberto Santos Dumont e Rui Barbosa.

cabarés e do cinema. A face artística é subvertida com o nascimento do Impressionismo e da *Art Nouveau*. Em outras terras a arte e a arquitetura nascentes neste momento são conhecidas como obras de estilo *Belle Époque*. No Brasil este período tem início em 1889, com a Proclamação da República, e vai até 1922, quando explode o Movimento Modernista, com a realização da Semana da Arte Moderna, na cidade de São Paulo.

A propósito da força espiritual representada pelo tio de Nava, a estudiosa Celina Fontenele Garcia (1994), na tese *A Escrita Frankstein de Pedro Nava*, chama Antonio Salles de “Virgílio”, aludindo ao mestre de Dante em *A Divina Comédia*. Considero esta associação bastante procedente, pois são vários os pontos de ligação, no que toca a relação discípulo-mestre, entre os escritos de Nava e de Dante Alighieri. Este por ser admirador do autor de *A Eneida* elege-o – quando a *via era smarria*¹⁹ – para ser seu guia, pelo Inferno e o Purgatório, os dois primeiros planos percorridos antes de Dante encontrar Beatriz, sua amada. Diante das centenas de tipos com quem Nava manteve contato, Antonio Salles é eleito o “mestre”. No relacionamento desses dois últimos, podemos identificar, até mesmo, uma relação pai e filho. Compreensível que isso acontecesse: o menino era órfão de pai.

Sobre Antonio Salles, do que já foi dito até agora, e em termos propriamente literários, talvez o maior e mais explícito legado por ele deixado para o processo (auto) formativo do sobrinho, escritor, foi o aprendizado para construir personagens. Sempre que o tio

via um verdadeiro tipo, qualquer que fugisse do todo-o-mundo, logo começava seu enredo e a criar uma espécie de novela onde o indivíduo focalizado movia-se melhor que na sua própria existência. Dando comprovação à ideia machadiana de que a verossimilhança pode muitas vezes vencer e ser melhor que a verdade (BC, p. 240, grifo nosso).

Destacamos, neste trecho, uma parte (intertextual) que demonstra o deleite do sobrinho ante a criação do tio Salles. Este gosto, aprendido nos seus verdes anos, é mantido quando Nava escreve suas memórias e repetidas vezes concede a seus personagens que, apesar de reais, levam características que encontramos em romances, contos e poemas.

2.3 O TIO-AVÔ

A lembrança de Ennes de Souza e de sua contribuição para a confecção do memorialista que se tornou Pedro Nava guarda, ao mesmo tempo, semelhanças e diferenças em relação ao que foi apresentado sobre a avó Maria Luísa e o tio Antonio Salles. Já dissemos que os três

¹⁹ Via era perdida.

nomes entram e saem de cena em vários momentos das *Memórias*: foram, de fato, marcantes. Aos homenageados, como já disse, é reservado generoso número de páginas, que poderia muito bem recheiar um livro completo.

Entretanto, talvez a maior discrepância de Ennes em relação aos outros é que, em termos de parentesco, é o mais distante. Na verdade, ele era uma espécie de irmão adotivo do avô paterno de Nava, Pedro da Silva Nava. O autor, de certa forma, também o adotou. Elegeu-o e elevou-o como figura peculiar e carismática, qualidades que são estendidas para a esposa Eugênia. Moravam na Rua Major Ávila, no Rio de Janeiro.

“Antônio Ennes de Souza era natural de São Luís do Maranhão onde nascera a 6 de maio de 1848” (CF, p. 178). Em 1868 entra para a Sorbonne, na França. Um ano depois, por problemas familiares, retorna ao Brasil. Em sua cidade natal trabalha, agita a vida cultural de lá e se casa com Eugênia Sales Rodrigues. Na Suíça, em 1874, começa seus estudos de Ciências Físicas e Naturais, de Geologia e depois os de Engenharia, na Universidade de Zurique. Com 33 anos, torna-se catedrático da cadeira de Minas e Metalurgia, na Escola Politécnica do Rio. Foi professor, mestre. Indicaram-lhe, por vezes, a cargos políticos, mas não era o que almejava. Como era de espírito irrequieto, multifacetado e bondoso, fundou a Sociedade Nacional de Agricultura, a Sociedade Protetora dos Animais, a Sociedade de Imigração e a Liga Brasileira contra o Analfabetismo.

Quanto à descrição da estrutura física do tio-avô, Nava o monta, principalmente, a partir de fotografias; a imagem é construída com imagem, recurso amplamente utilizado em seu fazer memorialístico. Da década de 1880, há um retrato de boa qualidade que mostra “um belo homem de olhar vivo, nariz bem feito, bigodes, mosca e cabelos pretos, [...] pescoço levantado e longo” (CF, p. 180).

Muitas outras personagens sobem ao palco juntamente com tio Ennes; elas são parentes, contraparentes ou então amigos frequentadores daquela casa, da qual ninguém saía “sem uma lembrança embrulhada em papel de seda e amarrada com a fitinha azul, ou rósea ou branca” (CF, p. 176). Nava procura dispô-los da melhor maneira possível, para que o leitor possa visualizar o ambiente que deseja caracterizar. A respeito das personagens, o narrador admite que

não é fácil arrumá-los. São como peças complexas de um *puzzle*, intrincadas, difíceis de enclavilhar, abarbadadas, duras de combinar mas que, afinal,

engrenadas umas às outras, compõem a paisagem humana que quero descrever (CF, p. 181).

Esse parece ser um exercício constante na escrita das *Memórias*. Mas a dificuldade de organizar as entradas e saídas das pessoas, durante as narrativas, pode ter correlação com a quantidade de figuras que aparecem: Nava não economiza nesse sentido, detendo-se mais tempo em quem, por alguma razão, teve mais peso em sua vida.

Estou, agora, tratando de Ennes de Souza. E são inúmeros os motivos pelos quais ele é admirado pelo sobrinho-neto. Já citei algumas, como sua formação sofisticada e a vontade de contribuir de diversas maneiras na sociedade. Nesta última qualidade, encaixam-se, também, sua preferência pela Abolição e pela República. Seu apreço pelas ideologias não se limitava à retórica, mas vinha seguido de ações, como, por exemplo, a sua participação ativa na Revolta da Armada – Ennes gostava do tema “guerra”, diga-se de passagem. No campo artístico, conhecia e apreciava música clássica. Amava as crianças e, por isso, foi colaborador no Tico-Tico – o Jornal da Infância. Não só isso: abrigava os pequenos em sua casa, como foi o caso do sobrinho Gabriel e do próprio Pedro Nava, que lá ficou hospedado durante um período (de três meses, apenas) em que estudou no Colégio Pedro II. Ambos eram cuidados com bastante carinho e atenção. Atenção, aliás, que Ennes prestava a qualquer um que vinha visitá-lo, para uma refeição (eram muitas em companhia de convidados) e um bate-papo, tão somente; era um conversador

admirável, gostava de ouvir, fazia-o com que atenção e tinha a qualidade de ser um interlocutor perfeito. Jamais tomava a palavra para pontificar sozinho, como certos chatos inteligentes que pensam que estão palestrando quando apenas centralizam e se põem em vedete (CF, p. 197).

Nava faz questão de mostrar que as pessoas procuravam o Ennes pelo que era e não por suas posses. Mesmo porque não as tinha: ele não era rico. Neste sentido, o autor se diz revoltado com o País, para o qual o tio-avô dedicou e contribuiu com afincos e sempre foi “maltratado” (CF, p. 181). Esse dado de sua vida levou Nava a qualificá-lo de

“quixotesco”, comparando-o ao sonhador e visionário personagem literário Policarpo Quaresma²⁰.

Como se não bastasse toda a influência cultural, moral e científica recebida, o tio-avô promoveu encontros enriquecedores para o, então, jovem estudante Pedro Nava. Nos dias 06 de maio e 28 de junho eram preparados, respectivamente, almoço e jantar festivos na casa do tio Ennes e da tia Eugênia. Consistiam nas datas natalícias deles. Nava nos revela que os almoços eram demorados e só terminavam no meio da tarde: “Primeiro a fabulosa salada de alface da dona da casa, folhas verdes e tenras avivadas por pimentão sinopla ou vermelho, por laranja, por maçã e pelo molho de vinagre e azeite [...]” (CF, p. 190-191). Em um desses momentos especiais, estava presente D. Sinhazinha Franco de Sá, amiga do tio-avô. Ela dividia seu tempo entre o Rio de Janeiro e a Europa. Conversando com a filha dela, que falava “da Itália e do seu céu Mediterrâneo” (CF, p. 192), o autor conta que começou a tomar gosto por aquilo que viria a ser uma de suas paixões: viajar. Inclusive, ele diz que, anos depois do referido encontro, esteve em terras italianas e se lembrou da moça.

Este detalhe, aparentemente menor, pode ser peça interessante para a engrenagem desta pesquisa, no que tange um “formar-se”. O juízo que Nava menino fazia da região mediterrânea sofreu um *upgrade* depois que ele, adulto, conheceu o lugar. Edina Regina Panichi, em *Pedro Nava: O Pintor das Palavras*, diz, sobre tal pensamento, que a “memória funciona não apenas como registro de vivências, mas como uma possibilidade de se retomar o passado e reintegrá-lo às experiências do presente.” (2009, p. 1542). A “percepção já experimentada” (BERGSON, 1990, p. 62) é, dessa forma, algo que permanece vivo e ativo, mexendo, por assim dizer, em nossas vivências atuais. Ou, como disse o próprio memorialista,

o mais remoto, cada vez que vem à tona da memória, recebe um retoque e é aperfeiçoado por lembranças analógicas ou congêneres de sucessos posteriores, que vão tornando o pretérito rico como as pérolas que ganham mais oriente quanto mais usadas, saliente, como os relevos das

²⁰ Personagem principal de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, romance de Lima Barreto, publicado em 1915. A história se passa, no entanto, na época do governo de Floriano Peixoto. Policarpo Quaresma é um patriota que tenta melhorar o Brasil, de diversas maneiras, mas não obtém êxito em nenhuma de suas empreitadas.

estátuas avivadas pelo arbítrio da pátina e do polimento dado pelo vento (CF, p. 199, grifo meu).

Quando, muitas décadas depois que conhecera D. Sinhazinha, no processo de escritura das memórias, lembra da ponte-aérea Brasil-Europa que ela fazia, o faz com a amplitude de quem já está amadurecido. Por ter conhecimento de causa, entra em detalhes sobre a beleza do lugar. Além disso, o faz com linguagem poética, que lhe é característica e oriunda de um longo processo de formação cultural – e/ou de um momento em que o lirismo estava à flor da pele, talvez. Ao falar de Erice²¹, o escritor diz: “Lembrei dela, anos depois e do que ela me contara, vendo o *Mare Nostrum* dos altos de Erice – maricéu, céu azul, marazul” (CF, p. 192).

Direta ou indiretamente, Ennes de Souza (através de suas relações) deixou marcas em Pedro Nava que se mantiveram vivas na memória; e que ganharam corpo, à medida que foram “engordadas” por experiências posteriores, que ampliam a visão que se tem de acontecidos remotos.

²¹ Erice é uma pequena cidade italiana (na Sicília), localizada no topo do Monte Eryx, 750m acima do nível do mar que dá origem ao seu nome. Por estar em cima de uma montanha isolada, têm-se bonitas vistas das outras cidades ao redor e também do mar. O lugar é ainda conhecido por suas igrejas e mosteiros e também pelas ruínas de um antigo castelo.

3 ESCOLA

Estou tratando da (auto) formação de um memorialista. A escola em que ele esteve para aprender tal ofício não foi convencional, intramuros, com professores. É improvável que alguém tenha determinado a Nava que adentrasse o campo das memórias e como deveria confeccioná-las. E mesmo com incentivo de amigos e familiares, o “tornar-se” escritor é algo que diz respeito, exclusivamente, a quem escreve.

Rainer Maria Rilke, em *Cartas a um jovem poeta*, diz que a “obra de arte é boa quando nasceu por necessidade”.²² Talvez estas palavras vão, de algum modo, ao encontro do que ocorreu ao nosso memorialista. Nele, o sentimento de evasão, provocado pela arte mnemônica, é explicitado em muitas passagens das *Memórias*, dando-nos a impressão de que o mergulho nas águas passadas move a vida do mineiro na hora em que ele produz. As dificuldades do dia-a-dia, momentaneamente, perdem espaço para o Rio de Janeiro *Belle Époque* ou para Belo Horizonte na época do Modernismo.

Entretanto, acredito que todo processo que envolva a (auto) formação não se dá à revelia de instituições que incidem sobre o sujeito e procuram, dentro de certas características e limites específicos, influenciá-lo. Foi o que ocorreu com a escola, que, para Nava, significou o espaço onde toda a vida foi desenhada. Lá, se deu, entre outras coisas, a descoberta da medicina como profissão futura; o acesso às humanidades; e o encontro com os colegas modernistas (AGUIAR, 1998, p. 78). Além disso, as experiências escolares constituíram um considerável manancial de lembranças que serviram de substância para preencher muitas páginas das *Memórias*.

Tomarei como base, principalmente, o que Nava conta no *Balão Cativo* e no *Chão de Ferro* (segundo e terceiro volume de memórias, respectivamente). São narradas, nessas obras, desde suas primeiras incursões em ambiente escolar, até seu ingresso e permanência no célebre internato Pedro II.

²² Rilke, ao aconselhar o jovem poeta, inseguro de sua arte, afirma que o texto vale a pena sempre se é uma questão de sobrevivência; se o indivíduo sente que não conseguirá continuar sem se expressar.

3.1 PRIMEIRAS LETRAS

As primeiras letras de Pedro Nava resumem-se, basicamente, a dois espaços educacionais: os Colégios Andrès e Lucindo Filho, ambos locados em Juiz de Fora²³. Esta época foi logo após o falecimento de José Nava, pai do autor, fato que, como se sabe, fez com que a família retornasse do Rio para Minas. A mãe, Diva, esforçava-se para criar, sozinha, cinco filhos: Pedro, José, Paulo, Anna e Maria Luiza.

Na verdade antes de ir para a capital federal, Nava havia passado por um jardim de infância e pelo próprio Andrès. Mas, a julgar pelas informações presentes nas *Memórias*, são escassas as lembranças que permaneceram deste período. Como houve um retorno de Nava ao Andrès, em 1909, ele pôde adquirir algumas experiências a mais neste espaço e as divide com o leitor, lançando mão do máximo de informações de que dispõe (o que, aliás, é bem característico da narrativa naveana). Entretanto, como o tempo narrado é o dos verdes anos, os relatos acabam por ser imprecisos. O autor, por exemplo, não se recorda bem o porquê de sua saída do externato, mas acredita que tenha sido em decorrência de atraso no pagamento de mensalidades. Nem por isso, no entanto, Nava guarda mágoas em relação às professoras (Lilita, Malisa e Branca) que mantinham o colégio: “Nunca lhes quis mal por isto” (BC, p. 50). Pelo contrário:

Elas [as professoras] ficaram dentro em mim resguardadas pelas minhas primeiras impressões do colégio e pelas doces lembranças da sala de jantar onde aprendi a ler, do grande relógio batendo o carrilhão do meio-dia, da palmatória simbólica, da tinta roxa, das letras caligráficas, das cartilhas com Eva, Ivo, ave, uva, vovô... [...] (BC, p. 50).

Inclusive, o escritor revela que, durante sua vida, quando estava em sua cidade natal, procurava visitar o espaço que lhe trouxe a aprendizagem das primeiras letras e deu, por assim dizer, o primeiro pontapé (institucional, no caso) para uma futura carreira de sucesso com

²³ As experiências escolares de Nava começam a ser contadas, em verdade, já no *Bau-de-Ossos*, primeiro volume das *Memórias*, mas vou me ater ao que é narrado no *Balão Cativo* e no *Chão de Ferro*, porque aí estão, em maior quantidade, as informações que interessarão a este capítulo.

as palavras. Uma passagem que mostra o apreço de Pedro Nava pelo estabelecimento é quando ele diz que, certa vez, foi até o prédio da escola e ele estava demolido, para que outro fosse construído. O autor, então revela: “O colégio foi reerguer suas paredes dentro de mim, como outras casas reconstruídas na minha cidade imaginária” (BC, p. 50). Acredito que, em termos de (auto) formação do memorialista, aparece aí um dado importante, visto que houve um processo de reconstrução interna do Andrès. E esta remontagem subjetiva do prédio concede sustentação para que o texto memorialístico se estruture.

As boas lembranças dos primórdios escolares de Nava se estendem a todas as páginas das *Memórias* que têm a escola como tema nuclear. Há uma ausência de ressentimentos²⁴. Mesmo em situações adversas – que, aliás, sempre existiram na vida escolar e acadêmica do autor –, nas quais a escola parece antes deformar que formar, ele consegue tratá-las, na maioria das vezes, de forma leve, bem-humorada, concedendo, assim, lugar ao riso. O riso, segundo Dozol, seria o grande trunfo de Nava – “Tanto de adulto quanto de menino” (2009, p. 227) – em suas memórias escolares, pois ele zomba (ternamente) dos seus mestres ou dos métodos educacionais. Boa demonstração disso está na descrição da postura de Antônio Vieira de Araújo Machado Sobrinho no Colégio Lucindo Filho (do qual era diretor e professor), segundo espaço escolar que Nava conheceu.

Trata-se de uma figura tão preocupada com questões de patriotismo que chega a lembrar o já citado Policarpo Quaresma. E essa preocupação se refletia, claro, no dia-a-dia da escola que ele liderava. Nava, remontando a época, descreve com ar de pilhéria o uniforme do colégio, que fora pensado para homenagear a guarda civil. Sobre isso, o autor conta:

Eu pensei que essa guarda civil fosse alguma coisa heróica e aurifulgente como a Guarda Nacional do meu avô, mas não, era guarda civil mesmo, a daqueles pobres-diabos descambados de costas e pixaim sobrando do boné posto de banda,

²⁴ Marlene de Souza Dozol, no artigo “Memórias escolares: sem ressentimentos”, (Acesso em: seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/9353/5543) cita Nava como uma opinião diversa em relação às obras literárias que trazem a escola como tema, tendo em vista que o memorialista mineiro, em geral, trata com afeto os ambientes escolares que frequentou e quem neles estiveram presentes, como professores, diretores e colegas.

que passava, a noite apitando na Rua Aristides Lobo (BC, p. 51).

Os textos lidos em aula, pelo diretor, eram também estranhos às crianças, pois, com voz exaltada, Machado declamava textos patrióticos de Bilac e Coelho Neto. As obras prediletas do “Quaresma” eram *Seleção em Prosa e Verso* e os *Contos Pátrios*. Porém, sobre estas publicações, Nava lamenta: “Do primeiro não sei quem fez a coletânea. Jamais encontrei esses livros nos sebos, nunca pude reler sua prosa e versos esquecidos” (BC, p. 51). Isso demonstra, talvez, que mesmo não sendo esses os textos ideais para crianças, para Nava, eles foram inesquecíveis.

As lembranças desagradáveis dessa segunda experiência escolar são concedidas à D. Alvina, professora intolerante que dava beliscões nos alunos, e às fossas da escola, que, por serem coletivas, obrigavam todos a fazer suas necessidades em conjunto. O “conjunto da obra”, enfim, fazia com que Pedro preferisse vagar pelas ruas a receber lições entediadas de patriotismo e beliscões da professora.

Aguiar, ao tratar da escola, em seus *Espaços da Memória*, traz a seguinte definição: “a escola é o espaço decisivo na formação dos indivíduos: ela lhes dá lições ao intelecto e lições de urbanidade também, graças ao convívio em grupo estranho ao familiar” (1998, p. 77). Ao que se vê o Lucindo Filho (assim como o Andrès) não consistiram em agentes decisivos na formação do indivíduo Nava, mas foram, sem dúvida, uma primeira ruptura do seio familiar, rumo a um novo universo, o da escola que tantos momentos memoráveis proporcionaram à criança Pedro Nava e ao adulto memorialista.

3.2 COLÉGIO ANGLO

O Anglo Mineiro é trazido ao palco das *Memórias* no segundo capítulo de *Balão Cativo*, intitulado “Serra do Curral”. Para a descrição desta primeira fase de aluno interno (e feitura das *Memórias*, de uma forma geral) há, na narrativa de Pedro Nava, um misto de boa memória e de recursos auxiliares como já disse, anteriormente. Em relação ao primeiro elemento – e enfocando, aqui, a estrutura física do colégio – devo comentar que o autor não tem como rever o prédio, com o intuito de recordá-lo, porque, depois da falência da instituição, ele fora demolido e o terreno, loteado. Acerca da segunda ação, no que tange o dia-a-dia dos alunos, o texto se faz a partir de cartas que Pedro escreveu, do Anglo, para a mãe e à tia Alice, entre 1914 e 1915. Além dessas duas alternativas, como se sabe, há sempre uma terceira adotada pelo autor

quando memória e/ou recursos são escassos: a imaginação. No caso do ambiente escolar em questão, por ele ser de um tempo longínquo na vida de Nava, ela (a imaginação) é profusa, sobretudo, na reconstrução de personagens, como professores e colegas, descritos, com muita habilidade, à moda caricatural, na qual predomina o humor e comicidade, elementos que, como se sabe, não faltam quando o assunto é escola.

Na final de 1913, D. Diva e seus filhos (após a morte da avó, Maria Luísa) saíram de Juiz de Fora para morar na capital. Esta época coincide com a vinda do Anglo para Belo Horizonte (1914), fato que causou grande repercussão na cidade e dividiu opiniões: uns consideravam o evento uma afronta, visto que a abordagem do colégio sobrepunha o bem-estar corporal ao espiritual. Para outros, a ideia soava como uma novidade fascinante a ser experimentada.

D. Mariquinhas, por exemplo, amiga de D. Diva fez questão de matricular os dois filhos no novo educandário. Porém, tentou, dissimuladamente, dissuadir D. Diva a colocar Pedro “no meio dos metodistas” (BC, p. 124). A atitude de D. Mariquinhas foi interpretada como uma forma de segregação, fazendo com que a outra se sentisse muito menosprezada: “a amiga viúva e pobretona, pretender educar seus filhos sudros nas mesmas condições dos pequenos brâmanes dela, Mariquinhas” (BC, p. 124). Esta situação provocou um ressentimento materno que resultou, ainda que a duras penas, na matrícula de Pedro, em regime de internato na, então, novidade escolarizada da época. Era “o primeiro corte no cordão umbilical que o prendia à casa da mãe” (AGUIAR, 1998, p. 83).

A estrutura física do Anglo era fantástica: eram 49.200 metros quadrados, que tomavam dois quarteirões.

O primeiro, demarcado por Inconfidentes, Piauí, Tomé de Sousa, Maranhão, continha os pavilhões construídos para os maiores, os menores, os refeitórios, sanitários, galpão de ginástica e piscina. O segundo era limitado por Piauí, Inconfidentes, Tomé de Sousa e Ceará. Destinado a campo de esportes [...] (BC, p. 128).

Havia, então, lugar suficiente para atividades físicas, as quais ocupavam bastante espaço no dia-a-dia dos estudantes. A divisa *mens sana in corpore sano* era executada com seriedade por Mr. Sadler, diretor, e seus professores. Assim, passeios, ginástica e futebol eram

práticas curriculares tão importantes quanto os estudos de aritmética e história.

Pedro Nava, no entanto, não corria e chutava a bola para cá e para lá como seus colegas, pois tivera problemas com o calção de futebol e, por isso acabou sendo motivo de chacotas da turma. Permitiram-lhe, assim, que voltasse seu interesse à leitura. Aí se encontra uma das principais contribuições que esse colégio teve na formação do indivíduo sobre o qual nos debruçamos: o de permitir o livre exercício de amor aos livros. Sabemos que estamos tratando de alguém oriundo de família relativamente ilustrada, culta e que, mais tarde iria ter no Rio de Janeiro – no Pedro II e na casa do Tio Salles – a confirmação de sua tendência ao apreço pelas letras nacionais e internacionais. Depois que o calção de Pedro foi ridicularizado pelos amigos, porque lhes era engraçado, Mr. Jones (professor de Educação Física e Inglês) liberou-o dos jogos. E, no mesmo dia da liberação, deu um livro ao garoto: *The Grateful Mouse Princess or Rooster, Pouletta and Chuckeglinda*. O mestre sugeriu: “Read it, Pedro, it’s very, very beautiful” (BC, p. 134).

O autor não apenas leu, mas guardou a pequena publicação e a tem em mãos no momento em que escreve suas *Memórias*. Esta posse parece-me importante para um “formar-se” aplicado a uma memória “atualizada”, que produz seus efeitos no momento mesmo da sua escrita. O objeto auxilia (assim como muitos outros que estão em posse do autor), tanto na rememoração das coisas, quanto na inspiração que desencadeia a fuga para a Pasárgada de Nava: o passado, mas atualizado na condição mesma de experiência no presente.

Voltando ao incidente-pretexto relativo ao calção de Nava, pode-se observar que a vergonha perante os amigos e a exclusão do futebol não trazem lembranças rancorosas ao nosso autor; mesmo porque, atrás disso, veio a substituição pelo livro e, como se sabe, parte da força narrativa de Nava se deve ao seu vasto conhecimento literário.

Acerca das leituras no Anglo, pode-se dizer que iam desde *Tico-Tico*, revista de grande circulação no Brasil no início do século XX, a José de Alencar. Os estrangeiros não eram preteridos. Entre eles estavam Walter Scott, Charles Dickens, Bernard Shaw e Shakespeare. No corredor que dava acesso ao quarto de Sadler, ficava uma estante, a qual servia como biblioteca do colégio, e nela o diretor “pusera livros que pudessem interessar aos meninos e rapazes” (BC, p. 154). Por ser um acervo pequeno, ele foi devorado por Pedro com avidez e prazer.

Entretanto, um livro em especial, concedido pelo diretor a Nava, ocupou um papel importante na memória do escritor. Ele narra que, em uma tarde, deixou-se ficar até mais tarde no pátio do colégio, lendo, e

chegou atrasado para o jantar. Ao final da refeição, o diretor disse com seriedade: “Pedro, you must come to see me in my office at eight o’ clock. Don’t forget it”²⁵ (BC, p. 155). O garoto decidiu “to forget it”. Nervoso, subiu para o quarto, deitou e esperou o mestre se esquecer também. No entanto, logo, tiraram-no da cama para que o compromisso fosse cumprido. O desfecho do encontro entre educando e educador é o seguinte:

Come in! Entrei no escritório. [...] Why didn’t you come at eight? as I had told you. Eu engasgado não achava a adequada mentira e devia estar cor de cinza quando o Diretor estendeu-me um livro aberto na primeira página onde, caindo das nuvens, li a dedicatória. From J. T. W. Sadler to Peter Nava, for good progress in English. Era uma das obras da famosa biblioteca e chamava-se *Nature Myths* (BC, p. 156).

Este presente (juntamente pelo recebido do Jones) evoca bela recordação nas *Memórias*, capaz, inclusive, de alçar o mestre na condição de amigo ou, ainda, de ente querido. É possível compreender, então, o porquê de toda a doçura, leveza e alegria encontradas nas páginas que se referem ao Anglo e aos personagens que nele residiam. Alguns destes, aliás, destacam-se na obra naveana pelo modo como são construídos. Pairam pelo internato figuras engraçadas, caricaturais, que comprovam a habilidade de Pedro Nava escritor, o qual soube muito bem – em um processo indicador de uma formação de si mesmo, a partir de leituras feitas – captar os ensinamentos de nomes como Rabelais, Proust, Eça e Pompéia – criadores de complexos universos paralelos.

Quando o autor fala dos trejeitos de Mr. Jones, durante as aulas (aliás, muito apreciadas pelos pequenos), observa-se, talvez, um bom exemplo de criação de personagens:

O primeiro professor a entrar era o Jones. De beca. Ensinava Inglês por uma espécie de processo Berlitz, animado por ele próprio. Não nos permitia lápis nem papel. A coisa tinha de entrar pelos olhos, pelas orelhas e ser guardada na memória. Com paciência evangélica, ele ia

²⁵ Como os professores eram, na sua maioria, de origem inglesa, o inglês era a língua predominante no Anglo.

mostrando. O dedo. Finger. Levantava a mão do Agnaldo, segurava-lhe o indicador. This is Agnaldo's finger. Apontava um interlocutor. Your finger. My finger and your finger. One finger. Two fingers (BC, p. 158).

A didática peculiar e pouco convencional – coerente com a proposta da escola, aliás – do professor provocava boas gargalhadas às crianças. O mestre, em retribuição, chamava-lhes a atenção e isto desencadeava mais risos ainda: “Why are you screaming in such a panic? Se ele dissesse só em inglês, vá lá... O diabo é que ele traduzia para um português meio espanholado. Por que gritan ustedes? Porque están em tal *penico*? [...] Rebolávamos de tanto rir” (BC, p. 159). Aqui, como em tantas outras passagens, novamente, é possível observar o humor nutrindo a feiúra das memórias. Mas, seria idealização demais não falar das falhas que a instituição possuía.

Havia, por exemplo, os preconceitos de classe e de cor: os menos favorecidos financeiramente e os negros eram relegados a uma espécie de “segundo escalão” no colégio. Outro problema era em relação à qualidade do ensino oferecida. O memorialista explica que, por ter havido lacunas na formação escolar do Anglo, foi preciso uma preparação intensiva para a admissão no internato Pedro II. O inglês estava afiado, mas conhecimentos de matérias básicas, como português, geografia, história e matemática, eram parcos. Nava desabafa que, para a sua sorte, tio Salles e tio Ennes auxiliaram nos estudos e ajudaram a garantir a entrada. Além disso, os ingleses não foram bons administradores, tanto é que só conseguiram manter o colégio por dois anos.

Entretanto, o autor nunca sobrepõe as forças deformadoras das instituições escolares que frequentou às contribuições que elas ofereceram a sua formação. Ao que parece, Nava, quando escreve, o faz sob o efeito do reconhecimento e de quem já teve tempo suficiente para elaborar pregressas mágoas, poupando o leitor das amarguras de um escritor ressentido, à moda de Raul Pompéia, por exemplo.

3.3 COLÉGIO PEDRO II

De todos os estabelecimentos educacionais que Pedro Nava frequentou antes de ingressar na faculdade, o Colégio Pedro II foi o que rendeu mais páginas nas memórias: o último capítulo de *Balão Cativo* e os três primeiros de *Chão de ferro* – além das várias remissões à

instituição, feitas antes e depois das referidas partes. Os motivos para tamanho volume podem ser vários: o longo tempo de permanência (1916-20); o fato de os acontecimentos estarem mais frescos na memória, por não serem tão remotos; o apreço que Nava demonstra ter pela instituição, o que se percebe quando ele a denomina, por exemplo, “a nossa grande Casa”. E este apreço que o Nava memorialista revela pelo Pedro II pode ser diretamente proporcional ao quanto o espaço contribuiu para a sua formação²⁶.

Talvez seja necessária, aqui, a seguinte explicação: a passagem pelo Internato carioca é permeada por digressões que o autor não consegue (e não se esforça para) evitar. A memória involuntária e as necessidades do instante em que se escreve interrompem, frequentemente, o desenrolar da ação, fazendo com que surjam camadas de narrativas e anacronismos. É a já evidenciada alinearidade presente nas *Memórias* e que faz parte, de um modo geral, das obras memorialísticas, por serem carregadas de “intromissões” de subjetividade que se movimentam num tempo presente. Por isso, escolhi uma ordem para falar do Internato. Contudo outras poderiam ser eleitas, certamente.

Para iniciar a história do Pedro II, Nava, a partir de pesquisa²⁷, conta-nos a história do estabelecimento educacional, cuja gênese se deu ainda no século XVIII, com uma essência religiosa (nos formatos de orfanato e seminário). A seguir, o autor relata a gênese do educandário:

Extinto em 1818, o Seminário seria reinstituído em 1821 pelo Príncipe Dom Pedro. No Brasil independente apareceria o nome de Imperial Seminário de São Joaquim. Inspirada ao sacristão por São Pedro, recriada pelo primeiro Pedro – a nossa grande Casa seria definitivamente estruturada sob o patrocínio do segundo Pedro de

²⁶ Esta palavra, a propósito, será mais explorada por mim neste momento do trabalho, buscando associá-la, inclusive, à ideia de *Bildung*, trabalhada por Barbara Freitag, a quem já fiz referência, e Willie Bolle.

²⁷ Na descrição do Internato pode-se notar um elevado grau de comprometimento do memorialista com a pesquisa. Com o objetivo, talvez, de proporcionar ao leitor o máximo de informações possível, Nava busca referência, por exemplo, em outros textos, literários ou não, que tinham como tema o Pedro II. No rol da literatura destaca-se *O Ateneu*, inúmeras vezes citado, até porque Raul Pompéia foi aluno do Internato em questão (assim como foi também do Abílio, possível fonte para sua “crônica de saudades”). É certo que, como se sabe, a atitude de não poupar informação aos leitores é característica de Nava, mas, dada a relevância que ele concede à instituição em análise, essa “prática” parece ter sido potencializada.

que receberia o nome a 2 de dezembro de 1837 (BC, p. 292).

Logo, adquiriu a denominação de Imperial Colégio de Pedro II e, sob este novo título o espaço foi inaugurado em 1838, pelo próprio Imperador.

Lançando mão de um tom que enaltece o estabelecimento, Nava escreve: “Orfanato humilde no início, modesto seminário em seguida, o colégio seria no Primeiro Reinado, no Segundo e na República, a glória de nosso ensino. Tudo que há de mais ilustre na vida brasileira recebeu seu influxo e criou-se no seu espírito” (BC, p. 292). Além disso, o autor, em poucas palavras, revela o “espírito da casa”, que permaneceu na vida dele e de seus colegas de Internato: “a tendência democrática e gosto pelas ciências, vocação liberal e apreço pelas artes” (BC, p. 292).

Estas demonstrações de apreço de Nava à instituição, bem como e o cuidado com que fala dela, vão permanecer durante as memórias dos anos em que lá estudou. Assim como ocorreu nas escolas pregressas, houve algumas dificuldades, de ordens diversas, pelas quais Nava passou no Pedro II, mas, como veremos, a exemplo do que ocorreu nos Colégios Andrès e Lucindo Filho, os contratempos recordados têm uma proporção bem menor se comparados às alegrias vividas durante a “estada” no referido espaço. “Nava foi um adolescente feliz”, nos diz Aguiar (1998, p. 96).

A propósito – e reforçando um pensamento com o qual venho “flertando” durante a realização dessa pesquisa – ao me debruçar sobre os quatro primeiros livros das *Memórias* e sobre o texto já mencionado “Móvil da memória” (de Arriguicci Jr.), percebi como os muitos problemas enfrentados por Pedro Nava na fase em que escreve suas memórias (velhice) fazem sua infância e adolescência parecerem doces. Contudo, aqui e ali, o leitor se depara com um memorialista profundamente desiludido e que vê no passado uma espécie de “cura” para os males da atualidade. Que se pense na seguinte frase do *Balão Cativo*: “Olho com ternura meus velhos cadernos escolares de 1920: têm carimbado nas suas páginas amareladas e gastas o melhor galardão que obtive ao longo da porca desta vida” (BC, p. 295).

Antes de detalhar o colégio, o autor atenta para o fato de, lá, os alunos serem chamados pelos nomes: “jamais nos chamavam o Cento-e-vinte-e-oito, o Cento-e-Trinta, o Sessenta-e-Nove” (BC, p. 295). Todos tinham nome e sobrenome – assim como muitas personagens que figuram as *Memórias*, que têm muitas de suas linhas preenchidas por

nomes (completos), guardados na memória ou em fontes diversas do autor.

Aos poucos o “INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II” vai se mostrando ante o garoto (e o leitor). Sua primeira impressão, em seu novo ambiente de estudo e de moradia, não foi nada agradável:

Sozinho achei o dormitório e dentro dele a cama de ferro pintada de verde, trazendo plaquinha de metal amarelo com meu número. Eu era o náufrago Pedro da Silva Nava, aluno 129, primeiro ano efetivo, quarta divisão do Internato do Colégio Pedro II. Mudei de traje, fazendo força para não chorar nas praias daquela ilha deserta e descí, só, cartão em punho. Desamparado olhei para os companheiros [...] (BC, p. 302).

Palavras como “sozinho”, “náufrago”, “ilha” e “desamparado” podem ser associados a um triste isolamento, sentido pelo eu-poético, ao adentrar um novo recinto e ter a impressão de estar em desalinho com aquela situação não vivida, até então.

Afinal, em ambiente escolar, Nava não havia experimentado tal enfrentamento, pois em espaços como o Andrès (Juiz de Fora) e o Anglo (Belo Horizonte), ele tinha sempre a família (a mãe muito zelosa) aos pés de si.

Marcus Mazzari, ao falar de memorialistas que relatam suas experiências escolares, afirma que um dos traumas relatados pelos escritores desse gênero é, justamente, “a perda da proteção familiar e ingresso num cotidiano de lutas e desafios acirrados” (1997, s/p). Apesar de os tios Salles e Ennes darem todo o suporte necessário para o sobrinho no Rio de Janeiro, a vida de internato, longe de seus entes e de sua terra natal, exigia mais maturidade, mais um “fazer por si mesmo”.

A primeira impressão, entretanto, é rapidamente substituída por um momento de alegria, quando, à hora da primeira refeição, Nava conheceu Francisco José de Sousa Soares de Andréa (o Andréa), que, com um sorriso, fez esquecer, ainda que por um momento, das agruras que um lugar desconhecido pode anunciar. Em verdade, o calouro parece não ter demorado muito para superar as dificuldades que a nova vida lhe impunha. Isto demonstra um dado que me parece marcante em Nava: ser dono de um poder de adaptação considerável. Talvez seja possível inferir que esta sua faceta camaleônica, por assim dizer, de Pedro Nava tenha relação com o estilo itinerante de morar a que ele foi

submetido pela família: a cada mudança, o recomeço em um novo ambiente.

Porém, há mais o que dizer quanto às dificuldades iniciais no Internato.

Logo no primeiro dia, o autor conta que teve um embate com um professor (Gaston) e foi castigado com um sábado sem poder ir para casa. A tristeza que uma realidade de solidão trouxe, somada ao conflito com o docente – situação que não ocorreu no Anglo, dada a proximidade que existia entre professores e alunos – fez com que Nava tivesse uma primeira noite traumática. Vestindo um pijama que não era o seu e sim da instituição, ele caiu em pranto.

Na sequência, o autor diz ter pensado em fugir e em se matar. No entanto, da mesma forma que se resolveu quando a avó Maria Luísa não lhe dava atenção, mais uma vez o autor diz ter superado os obstáculos por si mesmo: “Resolvido. Achar a ocasião. Descobrimo assim, que o homem a qualquer hora pode ser senhor e dono de seu destino, fiquei sereno” (BC, p. 312). Daí para frente, Nava tomou uma atitude de enfrentamento, “dando uma banana” a quem lhe importunasse. Era, enfim, aluno do Colégio Pedro II. É possível dizer, talvez, que a consolidação do processo de emancipação de Pedro Nava, em relação à dependência pelo regaço familiar, ocorre quando ele sai pela primeira vez de férias, entre 1916 e 17. Ao retornar, sozinho, de Belo Horizonte (para onde ia, nos períodos de recesso), ele começa a analisar a situação na qual está inserido, que misturava o convívio do pessoal do colégio com os amigos mineiros. Nava diz: “Pensei em tudo isto no trem e descobri apavorado e encantado que eu era um indivíduo autônomo destinado a viver minha própria vida e encarar desde aquele comboio serrabaixo – a solidão que todos têm de enfrentar um dia” (CF, p. 117).

Talvez, já tenhamos elementos para estabelecer uma breve comparação entre a narrativa de Pedro Nava e a de Raul Pompeia, refletindo sobre como os dois personagens – Pedro e Sérgio – tiveram posturas parecidas, mas que ecoaram diferentemente diversos anos depois, quando resolveram colocar suas experiências no papel.

Sérgio também lutou para superar o trauma inicial, de quem sentia, pela primeira vez, a distância da família e encarar a dura realidade que o ambiente escolar impõe. E obteve êxito.

O menino tímido de cachos loiros, cheio de expectativas e esperanças ao entrar no Ateneu, sai dele salvo, mas sem identificar-se com a maior parte de seus valores. Consegue resguardar-se das

agressões sofridas, dos abusos sexuais tentados pelos pares, do despotismo dos professores e monitores, da opressão da instituição. Mas o educando Sérgio apreende as experiências novas no interior da instituição e, em seu confronto com esta cresce, amadurece, supera suas angústias e medos (FREITAG, 2001, p. 106-107).

Este comentário, rico em possibilidades de discussão, amplia a argumentação sobre o fato de Nava não demonstrar rancor ou mágoa ao falar do passado e, com isso, nos acrescentar um ângulo diverso para lembrar e pensar a escola. Vê-se, na passagem de Freitag, que Sérgio (ou Pompéia) “amadureceu” com as aprendizagens que obteve em seu colégio; no entanto, ao recordar da experiência escolar, Raul Pompéia não conseguiu elaborar os maus momentos e, ao relatar seu tempo de permanência no Ateneu, só conseguiu enxergar o lado deformador do colégio – o qual, sem dúvida, existiu –, não concedendo ao colégio qualquer reconhecimento, nem o de ter contribuído para tornar o garoto mais cultivado (assim como Nava, Pompéia também usufruiu um bocado do acervo literário disponível no colégio) e mais autônomo para enfrentar o mundo (FREITAG, 2001, p. 109).

A propósito, é possível lembrar, aqui, mais uma vez, do artigo “Memórias escolares: sem ressentimentos”, de Marlene Dozol. No referido texto, Dozol traça um breve paralelo entre as obras *Balão Cativo* – que trata desde as primeiras letras de Nava até o ingresso no Pedro II – e *O Ateneu*, abordando, entre outros assuntos, o significado, para a vida de Pedro Nava e Raul Pompéia, daqueles que estavam no comando das instituições: diretores, professores, inspetores. Sob este aspecto, Pompéia igualmente ignora a colaboração que, por ventura, tenha sido feita por aqueles a quem ele era subordinado. O memorialista mineiro, entretanto, tem um sentimento bastante diferenciado. Dozol, quando se refere, exclusivamente, ao Internato Pedro II, observa o fato de, para Nava, “(...) os adultos não aparecerem como carcereiros da liberdade, da criação ou da originalidade; ao contrário, constituem uma rica paisagem humana sobre a qual paira o menino e debruça-se, depois, o artista das letras” (DOZOL, 2009, p. 228).

Passemos, agora, para a descrição de certos aspectos do dia-a-dia do Pedro II: a hierarquia entre os alunos, certas peculiaridades da “casa”, as aulas, os professores. Isto, porque estas são as peças que alguns dos elementos compõem a força formativa da instituição, a qual foi tão significativa para o memorialista em análise.

Como se sabe, durante os anos de Pedro II, alguns fatos marcantes ocorreram na vida de Nava, fora do Internato. Além disso, ele manteve fortes relações neste espaço, convivendo com pessoas que, para ele, constituíram peças fundamentais no *puzzle* da vida – como o tio Salles e o tio Ennes, personagens do primeiro capítulo desta pesquisa. Há que se lembrar ainda das férias, passadas em Belo Horizonte, que deixou a poeira de seu chão de ferro impregnada em Nava, eternamente. No entanto, aqui, a prioridade será o intramuros.

Passadas as angústias iniciais, inerentes ao processo de adaptação ao novo ambiente que se descortinava, Pedro Nava esboçou seus primeiros passos dentro do universo do Internato. Logo, aprendeu elementos básicos para a convivência com os outros, como a hierarquia e a diversidade. Os calouros não tinham vez e deviam resignação aos veteranos. Apenas conseguiam desfrutar de algum poder quando ingressavam no terceiro ano. Era fora das salas de aula, nos intervalos, que os nichos mais variados, em forma e conteúdo, manifestavam-se – sempre à surdina, buscando fugir da ostensiva repressão –, no Pedro II, em meio a discussões “elevadas”, revistas pornográficas e cigarros contrabandeados. Pedro, admirador fervoroso de Chaplin, conversava com o colega Sílvio de Carvalho sobre cinema; enquanto isso, no

aerópago era literatura, guerra, pornografia; mais abaixo era guerra, pornografia, futebol (Marcos, Vidal, Chico Neto, Nery, Mimi, Píndaro – Carregalaississon e o deus, *El-Tigre*, Fried – Friedenreich); rente à jaqueira só pornografia, sacanagem, conversa de safadeza (BC, p. 324).

A sexualidade, até então adormecida nas *Memórias*, devido à natural imaturidade de Nava, aparece, agora, como enxurrada. Afinal falamos da adolescência, fase de efervescência hormonal. Linguagem chula, masturbação e as já referidas leituras pornográficas eram integrantes básicos do “cardápio” dos internos. O autor, entretanto, ao falar de si, esquivase, “preferindo, aqui e ali discorrer sobre os alunos de modo geral ou, mais decididamente, deslocar o assunto, lançando mão de um logo discurso em defesa da pornografia na literatura” (AGUIAR, 1998, p. 91).

Entretanto, o memorialista não tem pudores, quando se trata da utilização, em seu texto, de vocábulos chulos. Isto não quer dizer que os termos apareçam em excesso ou com vulgaridade: o leitor percebe que há a preocupação em deixar os palavrões brotarem dentro de contextos,

de forma consciente. Afinal, como diria o ilustre professor de história João Ribeiro, “antes o palavrão que o palavrório”. Ao que me parece, o contato inicial com tal tipo de linguagem é no Pedro II, mas a inspiração para adotá-la no texto vem do contato com o Modernismo, ocorrido nos tempos de faculdade.

A lei da ação e reação era praticada com afinco no colégio. Havia as infrações consideradas menos graves, como o riso frouxo – mal que acometia o próprio Nava – e o flagrante de tabagismo. Entre os delitos considerados graves e gravíssimos, figuravam, por exemplo, o “pugilato com colegas” e a “agressão aos inspetores”. Ocorriam, também, as contravenções ligadas ao sexo: “flagrante de masturbação” e “de pecado nefando”. Tudo era devidamente punido com “privações de saída” e suspensões. O escritor não revela crime significativo que tenha praticado, mas me parece que o regime punitivo a que foi submetido provocou-lhe evidentes tendências liberais de ação e expressão, características que encontramos nas *Memórias*.

Nava, no entanto, enxerga os deslizos dos colegas e dele próprio com brandura:

No regaço fagueiro da República Velha, no meu tempo de internato, não havia mais (nem havia ainda) lugar para delitos políticos, como o de Teixeira Mendes, em 1873, privado de receber o título de Bacharel em Ciências e Letras por declarar-se republicano e recusar-se ao juramento de fidelidade ao Monarca (BC, p. 357).

As brincadeiras pueris dos estudantes, “no regaço fagueiro da República Velha”, em nada se assemelham a “politicagens”, consideradas, portanto, muito mais graves; criminosas, verdadeiramente. O termo “fagueiro” traz um tom de amenidade (talvez, irônica) à cena, remete-nos a Casimiro de Abreu e seu conhecidíssimo poema “Meus oito anos”, o qual trata de momentos da infância de um eu lírico, relembrando “tardes fagueiras”, ao abrigo do sol, sob a proteção “das bananeiras” e “dos laranjais”. Trata-se de um emblemático texto saudosista romântico brasileiro.

A propósito da associação feita entre esse excerto de *Balão Cativo* e o poema do Romantismo, é possível evidenciar, em Pedro Nava, uma característica que é típica da referida época literária: a idealização. Esta aparece, como já foi dito, em alguns momentos das

Memórias, quanto o autor trata dos acontecimentos pregressos, e vem associada à ausência de rancores.

No início de cada ano letivo, os estudantes recebiam (emprestados) os livros didáticos e de literatura que deveriam ser utilizados até o início da próxima série. A distribuição dos volumes era feita pelo bibliotecário, o Doutor Elpídio Maria da Trindade, sob a orientação de tomar cuidado com eles, para que outros pudessem utilizá-los também, mais tarde. Era preciso lembrar que os materiais “tinham de ser entregues no melhor estado possível aos alunos que sucedessem nessa posse provisória” (CF, p. 6).

É certo que, o fino trato com o objeto “livro”, Nava carrega como bagagem do Anglo, mas tal trato intensificou-se no internato e transformou-se, com o tempo em hábito pessoal. Arrisco dizer, inclusive, que o zelo com os livros tenha se estendido a outras coisas: estamos falando de uma pessoa extremamente cuidadosa com tudo aquilo que, de alguma forma, pode ter alguma importância histórica, memorialística. Não por acaso Nava mantinha fotos, recortes de jornal, epístolas, bilhetes, livros. Era um colecionador. De coisas e lembranças.

Mas o livro parece ser uma dos maiores amores de Nava. Vimos que o apego ao referido objeto e o incentivo à leitura veio do regaço familiar; nos tempos do Anglo, nasceu a paixão; durante a permanência na casa do tio Salles, a paixão aliou-se ao hábito; no Pedro II, tudo isso se manteve e o aluno Pedro pôde usufruir dos prazeres que o contato com boas publicações pode oferecer. O autor revela que uma das pontes entre ele e as publicações eram os professores.

O mestre Floriano, por exemplo, em sua ânsia de ensinar, indicava aos seus alunos nomes consagrados das letras francesas. Dentre eles figuravam Rabelais, Rousseau, Balzac, Hugo, Flaubert, Proust, entre outros. No entanto, quatro foram as obras que seduziram mais o jovem Pedro no colégio: *Os lusíadas*, de Camões, *Théâtre Classique*, de Régnier, a *Anthologia Nacional*, de Fausto Barreto e Carlos de Laet e o *Atlas*, de Crosselin-Delamarche. Com o português, navegou por paragens longínquas, da costa da África à da Itália; o *Théâtre* fazia surgir “reis bíblicos, tiranos helênicos, soberanos latinos”; a obra de Barreto passeava pelo País, informando sobre Minas – especialmente querida pelo memorialista – e outras regiões; e por fim, o *Atlas*, com seus “oceanos céus continentes”. Para compreender o significado daqueles momentos entregues à leitura, atente-se para a seguinte frase: “o que me apetecia era viajar” (CF, p. 51). Ler significava uma arma para vencer o tédio (por vezes, inevitável em um internato) e acalantar o pequeno coração do garoto, principalmente, nos primeiros tempos longe

dos seus e de sua casa. O livro acabou por se tornar, então, além de um mecanismo de evasão, uma energia (auto) formativa de Pedro Nava; “auto” porque as palavras eram um mar por onde sua subjetividade navegava, enquanto “crescia”, especialmente enquanto indivíduo.

Quando o assunto são os professores do Internato, vários desfilam na memória do escritor: Júlio da Silva Ramos, o *Raminho* (Português); Luís Cândido Paranhos de Macedo, o *Tifum* (Geografia); Doutor Eduardo Gê Badaró (Latim); João Ribeiro (História), Benedito Raimundo, o *Bené* (Desenho), o influente Floriano Correia de Brito (Francês). Este, por ser deputado federal, era ausente, e foi logo substituído por Adrien Delpech. Neste momento, Nava aproveita para falar de seu interesse – e de boa parte de sua geração – pela língua francesa, facilmente percebido nas *Memórias*, as quais são carregadas de citações e derivadas do referido idioma.

Tais alusões são constantes – também – pelo fato de o “amor à França” ter sido alimentado em outras ocasiões por personagens nucleares na formação do autor, como ele mesmo revela: “Em mim, esse estado de espírito, melhor, esse modo de ser, derivam de Antônio Salles, de Floriano de Brito. Mais tarde seria completado pelas companhias e pela influência literária de Aníbal Machado, Milton Campos e Carlos Drummond de Andrade” (CF, p. 27). Tamanha influência do francês, talvez, explique porque a língua inglesa, intensamente utilizada no Anglo, tenha sido preterida em favor do idioma de Proust.

Por ter perdido as eleições, Floriano Brito retomou “sua cátedra”, disposto a sanar a defasagem que os alunos apresentavam em sua disciplina, motivada pelo ensino, que, segundo ele, tinha sido insípido até então. Apesar de exigente, os alunos o queriam bem. Não media muito as palavras – abusava dos palavrões –, causando momentos que, para os jovens, eram hilários. Uma passagem que bem representa esse uso é quando Floriano explica os falsos cognatos:

Pourquoi nem sempre é porque, merde! porque depois não é depois, merde! e porque pourtant não é portanto, merde! Se pourquoi fosse porque, depois, depois e pourtant, portanto – besta era bosta e trempe era trampa nesta terra onde a pita abunda e abunda a pita, seus grandíssimos pitas! Estourávamos de rir (CF, p. 32).

Logo, pelo que observamos, unem-se, aqui, dois elementos presentes no texto do nosso escritor: a já referida utilização de palavrões

e a influência do francês. A esses elementos, soma-se o apreço que o aluno Pedro Nava nutria pela pilhéria, como já vimos.

No que trata das disciplinas ministradas e do corpo discente do Pedro II, o autor segue uma cronologia, fazendo um relato bastante detalhado, ano a ano, dos acontecimentos que consegue lembrar (e que algum recurso auxilie) no ambiente sala de aula.

No segundo ano, Nava revela que sua relação com o Internato já estava bastante diferente. Pode-se dizer que a simbiose entre as duas partes era quase que total. O mesmo trote que sofreu, por exemplo, quando chegou, ele aplicou aos calouros que estavam se apresentando.

Nessa etapa da vida escolar, o autor conta que teve um mestre marcante: Arthur Thiré (francês) que lecionava Aritmética no segundo, Álgebra no terceiro e Geometria e Trigonometria no quarto. Por ser Thiré bom professor e benevolente, Nava não tinha problemas com matemática. Lançando mão de seus conhecimentos técnicos do corpo humano, típicos de quem é médico, o memorialista diz que o francês era um homem bonito: “Era alto, desempenado, pisava bem, vestia sempre um fraque preto que alongava o talhe concorrendo para sua elegância espectral. [...] Salvava-o a curva da testa, a qualidade da sua dolicocefalia, a pureza ariana do seu nariz” (CF, p. 126). Era um docente zeloso e que ensinava bem. Entretanto, como veremos a seguir, o ponto forte do Colégio Pedro II eram as Humanidades.

Em termos de comportamento, a conduta do aluno Pedro Nava foi piorando, a ponto de serem raras suas saídas de sábado. Normalmente, por indisciplina, ele ficava os finais de semana de castigo, juntamente com seus “comparsas” de Internato. Os professores – principalmente, os que não eram bem quistos – em geral, sofriam com gozações e besouradas dos rapazes. O Pedro II era um colégio bastante conservador,

[...] funcionava com base nas cátedras. De um lado figurões como Antenor Nascentes, João Ribeiro e Silva Ramos; de outro, meninos adolescendo, mal descobrindo a vida. No mais tradicional dos colégios brasileiros, o ensino era ministrado à moda antiga: os lentes viviam tomando o ponto dos manuais indicados, as chamadas orais eram cotidianas, os exames de comportamento e as punições, firmes e constantes (AGUIAR, 1998, p. 95).

Aguiar acrescenta, ainda, que havia predileção, por parte dos “figurões”, pelas aulas expositivas. Não era incomum, portanto, as aulas terem, para os “ouvintes” – um tom de monotonia. Daí as traquinagens, que apesar de ilegais (e, por isso, castigadas), traziam alguma diversão aos meninos.

Nava conta sobre uma oportunidade em que, sua turma de quarto ano, com trinta e seis alunos, saudou o novo professor de História Natural, Lafayette Rodrigues Pereira, com uma “besourada”. Ele, no entanto, não se alterou e, calmamente, aplicou a punição: zero em comportamento para todos e duas privações de saída. Daí em diante, teve a turma nas mãos. Porém não conseguiu isso graças, somente, a uma postura rígida; suas aulas seduziam e informavam a plateia:

Na próxima aula ele começou as decantadas preleções. O diabo do homem falava admiravelmente, gesticulava melhor, era claro na exposição e prendeu uma hora de nossa atenção [...]. Explicou que os reinos Linneu, Collerson acrescentara mais um – o planetário, cujo exemplo típico estava no Sol, como para o animal, no Homem, para o vegetal, na Vinha, para o mineral, no Ouro (CF, p. 248).

Outro trunfo de Lafayette em relação a seus colegas de trabalho é que, apesar de indicar obras a seus alunos, a serem adotadas nas aulas, afirmava que “o livro principal seria ele mesmo”. Assim, ele transmitia segurança naquilo que ensinava. Vegetais, animais, formas microscópicas, seres marinhos, minerais, o universo, o sistema solar, a Terra, a evolução do homem, tudo, enfim, era tema dessa cadeira ampla que Nava frequentou durante dois anos. Reverenciando o mestre, o autor escreve: “Dentro do nosso ensino [...] antiquado [...] quase escolástico, as aulas do Lafayette foram como a abertura de largas janelas aos ventos da natureza e do mundo, tudo junto, num largo sopro de vida orgânica” (CF, p. 249).

É possível perceber, na passagem acima, como o memorialista, com arte e delicadeza, adentra a área da educação. Sem julgar ou tecer críticas severas a métodos de ensino e a professores que não considerava ideais, ele consegue, sutilmente e com simpatia, mostrar aquilo que mais lhe agrada (va) em tempos de escola. Isso, segundo Dozol, “nos leva a pensar que, às vezes, um ‘leigo’ interessante tem mais a ensinar do que um empedernido ‘especialista’; sem colocar diretores, professores e até

mesmo bedéis no tribunal do júízo final, descritos ora aqui ora ali com um certo desdém [...], mas com simpatia” (2009, p. 227-8).

Nava nos conta ainda que um bom motivo ele e muitos de seus colegas terem escolhido a medicina foi o docente em questão, que, aliás, era médico. Por tudo isso, ao organizarem as festividades do bacharelamento, ocorrido em 1920, o professor Lafayette foi eleito paraninfo da turma.

Outro personagem de sala de aula, recordado com alegria por Nava, é João Ribeiro, cujas cadeiras eram História Universal para o quarto ano e História do Brasil para o quinto. Era um professor talhado nos moldes da tradição, que lecionava baseado nos livros, a partir dos quais, sabatinava os alunos. Gostava de indagar a respeito de grandes acontecimentos, chavões; Nava diz que, quando entendeu esse método do mestre, passou a tirar sempre nota dez.

Mas o memorialista lembra que o que o fascinava mesmo nas aulas de João Ribeiro eram as longas conversas que ele tinha com seus discípulos, pois além da aprendizagem que tais momentos proporcionavam, a voz e o jeito de falar do humanista ficaram guardadas na memória de Nava: “Ele preferia a reunião que sempre havia, dos mais curiosos e inteligentes em torno a sua mesa e ficava de prosa com eles até que passasse a hora. [...] Até hoje, [...] ouço sua voz um tanto áspera, meio rouca, falando devagar, rolando as palavras na boca como a confeitos para lhes sentir o gosto, a graça e o efeito” (CF, p. 253). Aliás, o trato com as palavras, faladas ou escritas, foi tema do mais alto valor durante toda a vida de Pedro Nava, das cantigas das mucamas até os mais sofisticados textos literários.

Ao que me parece, os mestres mais admirados e admiráveis para o memorialista (e para qualquer aluno, talvez) foram, enfim, os que apresentavam “algo a mais”, um estilo peculiar, ao estarem ante a “plateia”: a mão estendida para a amizade; a preocupação quase paternal, no que se refere ao aprendizado; a benevolência perante a imaturidade da juventude; a demonstração do apreço por lecionar e de acreditar naquilo que está sendo ensinado. Nada parecido com o ensino massificado dos dias de hoje, sem brilho, cuja característica é “ausência de estilo, ausência de filosofia e ausência de arte” (BOLLE apud GHIRARDELLI JÚNIOR 1997, p. 14).

Assim como sucedera no Anglo mineiro, os alunos moravam no Internato Pedro II, e isso tornava o lugar uma espécie de “segunda casa”. Freitag, partindo de um ensaio de Goffmann chama esse tipo de estabelecimento de “instituição total”. Ele observa que a “característica central das instituições totais consiste em condensar sob uma única

autoridade e em um mesmo espaço ‘esferas da vida comumente separadas’ (dormir, brincar, comer, trabalhar etc.)” (apud FREITAG, 2001, p. 96). Enquanto que para os externos o Pedro II resumia-se a algumas horas diárias, para Nava e seus colegas, o estabelecimento constituía-se morada, com direito a refeitório, dormitório, enfermaria, chuveiros, quintal. Juntamente com as salas de aula, esses por onde os meninos transitavam e se (auto) formavam materializam uma espécie de romance.

Ao analisar romances de formação do século XVIII – *Émile ou de l’Education* (1767), de Rousseau, *Lienhard und Gertrud* (1787), de Johann Pestalozzi, *Wilhelm Meisters Lehrjahre* (1796) e *Wilhelm Meisters Wanderjahre* (1821), de Goethe –, Barbara Freitag define o conceito de *Bildung*²⁸, para ela

simultaneamente aprendizado e formação. Aprendizado, na medida em que o herói constrói, a partir de um *telos* (uma meta) interior, a sua própria personalidade e seus princípios de ação moral. Formação na medida em que instituições sociais como a família, a escola [...] procuram influenciá-lo [...] (2001, p. 68).

O sentido é abrangente, pois. Willie Bolle, ao traçar um histórico da palavra *Bildung*, cuja gênese se deu na Alemanha, no chamado século das luzes, explica, calcado em Rudolf Vierhaus, que, após um processo de metamorfose semântica, o conceito chegou ao seguinte patamar: “algo que não pode ser obtido apenas por meio da educação [...], mas algo que exige independência, liberdade, autonomia e se efetua como um autodesenvolver-se” (apud GHIRARDELLI JÚNIOR 1997, p. 17).

De acordo com os autores supracitados, a *Bildung* seria, por conseguinte, a mescla de duas construções: uma a partir da subjetividade e dos movimentos do próprio indivíduo e outra estruturada por forças externas, tradicionais ou não. E é justamente acerca dessa polaridade que Freitag volta suas atenções, ao debruçar-se sobre *O Ateneu*. Ela analisa, no texto “Sérgio e Aristarco em *O Ateneu*: a formação dos indivíduos através da instituição”, as transformações que Sérgio passa no interior do colégio, influenciadas ou não pela instituição. Apesar de o

²⁸ A partir de Humboldt, Adorno e Bakhtin.

narrador-personagem, quando adulto, enxergar apenas o lado “deformador” do Internato, para a pesquisadora, O Ateneu “foi [...] formador ao preparar o personagem para assumir sua condição adulta, o que inclui não somente a capacidade de funcionar competentemente em uma sociedade hierárquica como a de rebelar-se contra essa sociedade” (2001, p. 109).

Sob este aspecto, a obra-prima de Raul Pompéia aproxima-se de um *Bildungsroman*, ainda que não contenha todas as características exigidas por essa classificação²⁹. E as memórias escolares de Pedro Nava, principalmente as que se referem ao Pedro II também podem ser pensadas sob essa perspectiva. A diferença, como já foi dito, é que Nava, tanto adolescente quanto adulto (principalmente!), soube reconhecer a força (de) formativa do colégio para a composição de si mesmo. Foi com pesar que, ao final de 1920, o aluno 129, Pedro da Silva Nava, despediu-se do Internato Pedro II:

Mas nosso período de colégio chegava ao fim. Ansiávamos por ele. Queríamos ir embora, terminar o curso, viver. Não sabíamos que estávamos acabando, ai de nós, a descompromissada adolescência, para entrar de chofre na mocidade com seus cuidados e ansiedades. Não sabíamos que jamais teríamos tempo igual ao do Internato, com sua disponibilidade, seu compasso de eternidade... (CF, p. 282).

Findo o período de internato, Pedro Nava volta para Belo Horizonte, onde vai ingressar, em 1921, na faculdade de medicina, que o formaria um renomado reumatologista. Era o fim de uma longa, importante e inesquecível era na vida do memorialista. Os agitados anos 20 estavam despontando e, com ele, um momento crucial em diversos

²⁹ Para Bakhtin, no ensaio “Pour une typologie historique du Roman”, o romance possui a seguinte tipologia: de viagem, de provas, biográfico e de aprendizagem. Ao tratar do romance de aprendizagem, no século XVIII (quando se dá a gênese do gênero, aliás), o referido teórico contempla elementos de todos os tipos. Para ilustrar esta teoria, Bakhtin cita *Wilhelm Meister* (Goethe), obra na qual o herói, por exemplo, aprende com suas viagens, e precisa superar certas “provas”, como ter controle das suas paixões. Barbara Freitag afirma que *O Ateneu* é o mais “completo” romance de formação da literatura brasileira. Isto, porém, sob o ponto de vista sociológico, porque enquanto as narrativas de Goethe, Rousseau e Pestalozzi falam de um processo de formação à revelia de instituições, todo o aprendizado de Sérgio, em *O Ateneu*, está vinculado a sua permanência em um ambiente escolar, com suas normas educacionais e de conduta.

setores do país. Para este trabalho, interessará, principalmente, o caldo cultural, no qual está mergulhado nosso autor que, ao lado de grandes nomes brasileiros, deixará seu nome na história.

4 AMIGOS

Esta parte do estudo será baseada, principalmente, no quarto volume das *Memórias* de Pedro Nava, denominado *Beira-Mar*. O livro engloba os anos que o autor viveu em Belo Horizonte, na década de 20, onde, entre outras atividades que desenvolveu, cursou a faculdade de Medicina e fez parte do Grupo do Estrela, mentor do Modernismo em Minas Gerais.

Nesta época de juventude, as amizades têm um peso muito grande em quase tudo o que foi feito por Nava, e elas foram alicerçadas, ao que percebi das leituras, sobre a rocha das afinidades. Em se tratando do Estrela, por exemplo, os rapazes comungavam da mesma ânsia modernista de romper com o tradicional e explorar novas formas de conduta, tanto em relação ao comportamento social quanto à maneira de conceber a literatura – diz Nava: “Comecei laboriosamente a apartar a Poesia da merda rala que o burguês considera poético e que é justamente o seu contrário” (BM, p. 197).

E quando falo em literatura, refiro-me à produção inovadora feita por Milton Campos, Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade, Pedro da Silva Nava (ainda que insipiente, naqueles tempos pré-memórias) e outros. Entretanto, unia-os também as leituras que compartilhavam e que tanto os influenciavam. Segundo Nava, Drummond era que o que gozava de maior respaldo junto a seus companheiros quando o assunto era indicação de novos escritores. Possuía, como se diz hoje, um *feeling* para dizer se um autor valia a pena ser lido ou não, e era ouvido por todos.

O tom saudosista e, sob certo aspecto, romântico com o qual o memorialista recordou seus vinte e poucos anos me fez lembrar de uma passagem de *O Ateneu*, já citado nesta pesquisa, a qual trata do tema da amizade. Dentre os vários meninos que Sérgio, o narrador-personagem do romance, conheceu na escola – como Sanches e Bento Alves – destaca-se Egbert. O narrador revela: “Do Egbert fui amigo. Sem mais razões, que simpatia não se argumenta” (POMPÉIA, 1994, p. 122). Além de andarem juntos, conversarem, dividirem silêncios, os dois tinham em comum o gosto pelos mesmos livros:

Líamos muito em companhia. Páginas que não terminavam, de leituras delicadas, fecundas em cisma: Robinson Crusoe, a solidão e a indústria humana; Paulo e Virgínia, a solidão e o sentimento. Construíamos risonhas hipóteses: que

faria um de nós, vendo-se nos apuros de uma ilha deserta? (POMPÉIA, 1994, p. 123).

E, assim como entre os mineiros, Sérgio e Egbert tinham ímpetos de criarem seus próprios enredos, pois este é um caminho bastante trilhado pelos leitores contumazes. Não é incomum estes captarem das histórias inspiração para escrever.

A capital mineira é o chão espacial no qual tudo (e tudo mesmo!) acontece na década de 1920 – por isso, é ricamente descrita, com suas ruas, casas, bares, boates. Aliás, os lugares é que dão nome aos capítulos do livro: “Bar do Ponto”, “Rua da Bahia”, “Avenida Mantiqueira” e “Rua Niquelina”. Nessa cidade, Dona Diva, a mãe do autor, era funcionária pública e se esforçava deveras para manter sozinha (era viúva) a casa e os filhos.

4.1 FACULDADE

Em 1921, Pedro Nava inicia sua dura caminhada em direção à profissão de médico. Os primeiros colegas de faculdade que apareceram são Cavalcanti – o qual, posteriormente se torna cunhado do autor – e Isador. Em época de exames, os três se reuniam para estudar. Um pouco liam, um pouco brincavam, um pouco falavam bobagens. Afinal, eram muito jovens e faziam o que lhes era condizente com a faixa etária. Diz o autor: “Éramos três nas portas da vida. Se o livro de Mário de Andrade já tivesse saído eu diria que éramos três Macunaímas” (BM, p. 23). Interessante é que logo nas primeiras páginas do livro, temos pistas do que está por vir: haverá inúmeras alusões ao genial e influente autor de *Macunaíma*.

Apesar de Nava praticamente liderar o grupo de estudo – era aplicado e tinha facilidade na aprendizagem de matérias como Química, por exemplo – ficou nervoso em um dos exames, logo no início do Curso, quando arguido, e acabou por ser reprovado. E justamente em Química, que dominava bem. Como foi algo inesperado, ficou gravemente abalado, pensando, inclusive em desistir do ofício que escolhera para o futuro. Pensou, entre outras coisas em “cursar as Belas-Artes”, no Rio, visto que tinha “jeito para o desenho”. Em consideração ao apoio recebido pelos companheiros e pela mãe, decidiu continuar.

Em paralelo à faculdade, a juventude de Nava trilhou outros caminhos, os quais se cruzam quando o assunto é a vindoura “profissão” de memorialista. Uma das funções provisórias assumidas pelo universitário, e para manter-se, é a de funcionário público: por indicação

foi empregado na Secretaria de Higiene, dirigida pelo Doutor Samuel Libânio. Esta atividade foi exercida durante todo o período universitário. No entanto, é a que menos aparece em *Beira-Mar*, perdendo espaço para os relatos das aulas e das boêmias. A impressão que temos é que o serviço público deixou mais lembranças negativas do que positivas. Porém, bem ou mal, como diz o autor, ficaram “fundas impressões”. Tanto é que ele atribui a gênese das *Memórias* a um romance “burocrático” que tentou escrever em 1949 e que não vingou.

No ano de 1922, começaram as aulas de Anatomia Humana, uma das paixões de Pedro Nava. Segundo ele próprio, tinha “*espírito visual*”, “memória óptica”, característica que combinava com o estudo da referida disciplina. O manuseio dos cadáveres para dissecação é descrita em pormenores, podendo causar estranhamento e, até mesmo, mal-estar no leitor. O morto era “escuro da impregnação do formol, ressecado nas suas partes mais delgadas e finas como pontas dos dedos, as pálpebras, as orelhas, o nariz, os beijos (que pareciam de pedra entalhada sobre os dentes foscos e brancos). Ria” (BM, p. 81).

A sensação de estranhamento fica mais forte quando o narrador chega mais perto do corpo e enxerga certos detalhes: “por sob a derme deslizavam pequenas larvas em restos ainda úmidos de tecido gorduroso. Eram os pontos de que o formol já volatizara e onde imediatamente entrara e começara a podridão triunfante” (BM, p. 82).

Na sequência, vêm as aulas de miologia – “Já conhecíamos os ossos, aprendemos como eles se articulavam, agora íamos ver o que os movia” – e a narrativa se intensifica em morbidez. Joaquim Matos, ajudante responsável em manter a ordem e a limpeza nos lugares onde os mortos “transitavam”, por vezes, os manejava; ora esquartejava, ora desossava, dependendo da necessidade que o momento exigia. Em uma oportunidade, a título de curiosidade, um defunto não foi formolizado durante as férias. O resultado foi o seguinte:

O cadáver estourava da barriga e as tripas luziam como balões cravejados da ourivesaria fervilhante de milhares de moscas. O corpo inchava tanto que perdera a forma humana. Parecia um balão e o zumbido dos insetos fazia sair dele zumzoeira como de um órgão suspenso e mantendo nota que não fosse mais parar. Aquilo não cabia no *envelope* de pinho e empestava tudo. Foram o Joaquim, o Otaviano e o Seu Domingos que deram um jeito naquele defunto animado da vida maldita da putrefação (BM, p. 88).

Para que o leitor não pense que a intenção do memorialista é causar, simplesmente, choque e, assim, talvez, chamar a atenção para o texto, há um esclarecimento: “Pensam que estou contando esses horrores para fazer sensação? Nada. É pela lição que eles me deram, eles, horrores, e todo o estudo da anatomia” (BM, p. 88). É certo que, com tais experiências, é possível entender um pouco mais sobre a natureza perecível, transitória do ser humano na face da terra. Entretanto, podemos, neste instante, perceber como essas vivências contribuíram para a (auto) formação do Pedro Nava escritor. E, de antemão, pode-se inferir que não contribuiu pouco. Para Davi Arrigucci Jr,

a ciência médica parece ter afiado o olhar do memorialista, aguçando-lhe o senso material da realidade, que ele procura vasculhar com uma visada minuciosa, detalhista e muitas vezes implacável, em busca de um saber real das coisas e dos homens. [...] De modo geral, [...] a visão do memorialista parece sair enriquecida e fortalecida pela experiência de médico (1987, p. 91).

Não é raro encontrar nas *Memórias* frases, termos ou mesmo parágrafos inteiros compostos sob a aba de alguém que conheceu o mundo da Medicina, através da atuação de médico (no caso, reumatologista) ou do contato com textos técnicos da área (teses, dissertações, artigos) – Nava teve vasta produção científica, bem como leu inúmeros textos de seus colegas de profissão. É natural, portanto, que o memorialista, ao debruçar-se sobre o papel, lance mão desse conhecimento. Sobre isto, e reforçando o comentário de Arrigucci Jr., Joaquim Alves de Aguiar afirma:

Sem a medicina, as *Memórias* não seriam o que são [...]. As histórias de doenças, as descrições físicas das figuras, os nomes de remédios, o vocabulário científico, as citações de médicos e de livros de medicina, a ameaça da morte, tudo contribuiu para nos alertar para o fato de que estamos diante de um misto de escritor e de médico (1998, p. 124).

Para tentarmos sancionar estas últimas afirmações, há que se voltar um pouco no tempo e nas páginas de *Balão Cativo*, segunda obra

da série. Lá encontramos Inhá Luísa, tida nesta pesquisa como uma das personagens mais marcantes na vida do autor. A vida dela é construída pelo neto do berço ao túmulo. Seus derradeiros momentos são dispostos de maneira intensa e envolvente. A avó estava com “a face cor de cinza e cor de vinho. As mãos, amarelas, os pés, de gelo. Os olhos entrados de crânio adentro, pálpebras coladas. [...] E aquela respiração formidável. Parecia parar. Depois, retomava fraca e espaçada, como ruído que viesse do fundo da chácara” (BC, p. 82-83).

É improvável que Nava, então um menino, pudesse elaborar tal descrição ao acompanhar este importante acontecimento de família. Nem mesmo um calouro de medicina teria condição ainda de utilizar as palavras com tanta propriedade para transcrever as nuances de um laboratório de anatomia. O memorialista conseguiu ferramentas para construir seus escritos em decorrência das amplas vivências com as quais teve contato e que lhe formaram.

A propósito do assunto “morte”, há que se lembrar que, mesmo antes (bem antes!) de começar *Bau de Ossos*, tal tema já havia produzido em Nava o desejo de incursão na literatura – uma das poucas e boas pré-*Memórias* –, com o belo poema *O defunto* (1938), que reproduzo, em parte, logo abaixo:

Quando morto estiver meu corpo
evitem os inúteis disfarces,
os disfarces com que os vivos,
só por piedade consigo,
procuram apagar no Morto
o grande castigo da Morte.
Não quero caixão de verniz
nem os ramalhetes distintos,
os superfinos candelabros
e as discretas decorações.
Eu quero a morte com mau gosto!
Deem-me coroas de pano.
dêem-me as flores de roxo pano,
angustiosas flores de pano,
enormes coroas maciças,
como enormes salva-vidas,
com fitas negras pendentes.
[...]

Apesar de reconhecermos a ironia no texto do poeta (bissextos) – pois expõe a vontade de ter um funeral diferente do convencional, sem

“caixão de verniz” ou “ramalhetes distintos” –, o que temos, de fato, é o que Joaquim Alves de Aguiar chama de “Um narrador assombrado desde menino pelo fantasma da morte” (1998, p. 127). O endosso desta citação ocorre quando são descritas as exéquias da avó Inhá Luísa, sobre a qual o narrador revela: “A lembrança daquela sala fechada e cheia das rodas roxas das flores de pano é um dos assombramentos de minha infância” (BC, p. 84). Ainda que não pretenda me deter na produção em versos da obra naveana, por não ser este o propósito deste estudo, é preciso considerar, junto a Rosana Tokimatsu, que, se o poeta Nava realmente não vingou, limitando-se a apenas alguns momentos notáveis, a sua poesia encerra questões-chave que iriam convergir mais tarde para estruturar a narrativa das *Memórias*.

4.2 BOEMIA

Antes de tudo, devo dizer que, apesar da divisão escolhida (“Faculdade”, “Boemia” e “Grupo do Estrela”), os acontecimentos, na vida de Pedro Nava, naqueles conturbados anos 20, aconteciam todos concomitantemente. Aliás, além das atividades relacionadas aos amigos, sobre as quais tenho falado neste capítulo, relembro que, naquela época, por exemplo, Nava ingressou no mercado de trabalho, como funcionário público. Acerca de tal simultaneidade, o autor faz uma relevante consideração:

Vim por aí afora contando duas estórias. Minha vida no primeiro ano da Faculdade. Minhas experiências iniciais de funcionário público. Parecem coisas separadas porque foram narradas separadas. Mas, cronologicamente, as duas se enroscam uma na outra como cordeletas para formarem cordas e estas se torturam para fazerem a aquicorda, o cabo, o camelo, o enrolo de nossa vida que nunc’ é una mas o tecido de fios fios fios, trezentos fios, trezentos, trezentos e cinquenta... Mas tudo tinha de sair junto, despejar-se nas férias que sucederam aos exames (BM, p. 50-51).

Talvez, como uma tentativa de organizar as ideias no papel de modo mais inteligível, o autor tenha feito uma divisão das experiências vividas na juventude. No entanto, ele reconhece a dificuldade de separar reminiscências, visto que elas, na memória, facilmente, entram em

simbiose. Sobretudo no caso de apresentarem proximidade cronológica, como é o caso acima.

Ao dizer que “tudo tinha de sair junto, despejar-se nas férias que sucederam aos exames”, Nava prepara o leitor para “fatos que marcariam” (BM, p. 51): ou seja, a descoberta da vida boêmia. Tal novidade, a propósito, está totalmente conectada, tanto a fatos anteriores, dos tempos de infância e adolescência, quanto a acontecimentos década de 1920. Antes de ser convidado pelo amigo Paulo Machado a sair da “vida de donzela”, para “ver a cidade, à noite”, Nava faz uma visita à família Machado, cuja importância foi dupla.

Paulo tinha um irmão culto, chamado Aníbal, o qual possuía uma grande coleção de livros e apresentou ao visitante, nomes como Mallarmé, Verlaine, Rimbaud e Daudet. Sobre este último, há um comentário especial:

Precisamente nesse dia saí com dois livros de Daudet – *Jack* e *Sapho* que gosto de ler até hoje pelo que eles me devolvem de mocidade, daquele escritório, da casa do Coronel Virgílio, da rua dos Tupis e da continuação da França que me começara a ser mostrada por meu tio Antônio Salles e por meu mestre Floriano de Brito (BM, p. 52).

A literatura francesa, que já tinha sido apresentada ao autor no Pedro II, passa a ter mais peso ainda em sua vida, pois, foi através de Aníbal Machado que Nava ouve falar, pela primeira vez, de Proust, uma de suas grandes influências. Ainda durante a referida visita, chega aos ouvidos de Nava o nome de Carlos Drummond de Andrade, com o qual encabeçaria, em breve, o modernismo mineiro.

Paulo Machado tinha vindo do Rio de Janeiro (onde estudava no colégio militar) para passar as férias na capital mineira. Após mostrar sua família ao amigo estudante de medicina, descobre que este não costumava sair à noite. Eis que vem, então, o referido convite. O autor, estrategicamente, introduz sua estreia na vida mundana com uma epígrafe de Vinícius de Moraes (cujo espírito, como se sabe, era boêmio), retirada do poema “O dia da criação”, do qual segue um excerto:

[...]
Há uma tensão inusitada
Porque hoje é sábado

Há adolescências seminuas
Porque hoje é sábado
Há um vampiro pelas ruas
Porque hoje é sábado [...] (BM, p. 53).

Gostaria de me deter a um detalhe, neste momento. Tão logo alguém inicie a leitura das *Memórias*, logo percebe as inúmeras epígrafes que nelas estão presentes. Não é difícil perceber, então, que o autor lança mão das citações, baseado em sua já comentada erudição, que vem à tona, de diversas formas, com muita frequência, na narrativa. Desfilam, assim, nomes da sua amada literatura francesa, portuguesa e tupiniquim. Existem, ainda, as oportunidades em que Nava cita a si próprio, recorrendo a fragmentos de sua obra.

As epígrafes são, enfim, muitas e buscam coerência com as circunstâncias (auto) formativas que se apresentam ao jovem Nava. A “tensão inusitada” de Vinícius, por exemplo, encaixa-se muito bem à ansiedade que Nava diz sentir quando está na eminência de penetrar um mundo, para ele, inédito. E é com nostalgia que ele começa a falar da referida circunstância de sua vida: “Aquele hoje era um sábado dos ontens” (BM, p. 53). Nesse “sábado de ontem” apresenta os amigos que, de agora em diante, irão acompanhá-lo no chamado da vida.

“Quinze anos do Zozó, dezessete do Paulo e meus dezoito naquela alvorada de 1922... E era sábado” (BM, p. 55). Os três amigos adentram o *Cinema Odeon*. E é como se o leitor entrasse junto. Com toda a força de sua escrita pictórica, o autor fala como eram as salas de cinema do início do século XX. O relato vai desde o hall de entrada, onde senhores e damas alinhadas aguardavam, formalmente, as sessões, até sala de projeções com suas orquestras³⁰. Estes elementos, por si só, já poderiam despertar a curiosidade de alguém cujo ponto de vista é o da atualidade, com cinemas bastante diferentes em relação aos daquela época. Mas o que, talvez, torne a leitura dessa passagem ainda mais atrativa é um recurso encontrado em diversas passagens das *Memórias*: a fruição do mundo e de suas coisas pelos sentidos. De forma geral, predomina no texto de Nava o apego ao visual, por causa de seu apreço

³⁰ Na época do cinema mudo a exibição dos filmes era acompanhada de música, quase sempre, erudita. Por vezes, os realizadores recomendavam uma determinada partitura, mas era a orquestra (ou pianista) quem habitualmente escolhia o que interpretar. Ao contrário da rádio, que apostava em efeitos sonoros para ilustrar as radionovelas e o teatro radiofônico, no cinema cabia apenas à música criar uma atmosfera envolvente ao filme.

pela pintura e habilidade enquanto desenhista. Mas olfato³¹, tato, audição também se fazem notar em suas densas narrativas.

Antes do início das películas,

era costume dar um espaço de tempo para as famílias se repararem. A orquestra afinava. O pianista percutia continuamente o lá do diapasão normal e os instrumentos de corda iam apertando e respondendo. [...] Como vários rapazes, o Paulo, eu e o Cavalcanti permanecíamos de pé e corríamos os olhos nas moças sentadas entre seus pais e mães e tias solteironas. [...] Os leques se agitavam, subia um perfume de pó de arroz e os namorados começavam a trocar suas greladas ofidianas (BM, p. 56).

O “perfume de pó de arroz” dá uma boa dimensão do que estou falando: o autor chama quem o lê, valendo-se, no caso, do recurso das sensações. No *Odeon* Pedro Nava começa a descoberta da sétima arte e o gosto por ela, potencializado pelo conhecimento de Chaplin.

Ao gosto pelo cinema soma-se um importante fato para a vida de Nava: foi lá que ele sentiu o primeiro interesse pelo sexo oposto, a primeira paixão. Ao referir-se a ela, inicialmente, Nava a denomina “uma menina de narizinho arrebitado” (BM, p. 56), fazendo alusão à personagem lobateana. Leopoldina era o nome da garota. Em uma ocasião, no *Clube Belo Horizonte*, Nava nos conta que a encontra, acompanhada dos pais. Ele solicita a ela a “honra da próxima contradança” (BM, p. 72) e recebe resposta positiva. A relação dos dois, no entanto, jamais passou de formalidades, apesar das investidas do jovem, porque a garota tinha interesse por outro. Na verdade, com Leopoldina, Pedro Nava aprende o significado de amar, mas também do que é sofrer por amor. No momento em que escreve sobre ela, porém, não é com mágoa que o memorialista o faz, mas com uma saudosa reverência ao que a moça representa em suas reminiscências. É possível perceber isto, por exemplo, nos inúmeros neologismos utilizados pelo autor para homenageá-la: “Eu em tudo todoteamei” (BM, p. 77), “seus olhos [...] eram imensos, pareciam dois lagos tranquilos verdiazulinos num findidia” (BM, p. 78).

³¹ Um bom exemplo está no início do *Baú de Ossos* (p. 24-26) quando o autor cita algumas guloseimas preparadas na casa de sua avó paterna, Ana Candida Pamplona (Dona Nonoca).

Numa das ocasiões, ao saírem do cinema, os três amigos foram ao *Clube Belo Horizonte*, para uma cerveja, em clima de alegria plena e despreocupação, como a idade que eles tinham permitia. Esta cena fraterna deixou uma forte marca na memória de Pedro Nava. Mas, no mesmo instante em que ele fala de algo contido em um passado distante, diz como seus companheiros de festa ficaram com o passar dos anos. Desta vez, a escrita sobre aqueles de quem o autor guarda boas lembranças é recheada de assonância:

Depois o Tempo rolou, muita água passou debaixo da ponte, vi os olhos do Cavalcanti se empapuçarem, sua bochecha ficar espessa, funda tristeza invadir seus olhos cansados e a Morte esculpir sua última máscara. Vi. Assisti o Paulo adquirir brancas (sic), ganhar rugas, perder o cabelo, ser envultado pela Moléstia. Assisti (BM, p. 60, grifo nosso).

Entretanto, logo na sequência, Nava revela, um interessante fenômeno de sua memória:

Mas à medida que os anos correm sobre o desaparecimento desses amigos exemplares [...] – um mecanismo generoso de minha memória vai apagando essas imagens de degradação e de fim – só deixando subir-me à tona da lembrança aqueles irmãos como eles eram na aurora daquela noite daquela cervejinha (BM, p. 60).

A parada para o bate-papo descontraído serviu de prelúdio para o passo mais excitante da noite: “descer” ao bordel da Rosa. “Entrava-se neste e era um deslumbramento de salão. Pé-direito baixo. Luzes profusas, teto coalhado de lanternas japonesas, correntes de papel de seda, fios de bandeirinhas multicores [...]” (BM, p. 61). O autor, encantado que diz ter ficado na ocasião – e em todos os momentos desta primeira noite – parece relatar tudo com certa idealização. Um bom exemplo é como descreve (em quase duas páginas!) uma das prostitutas da casa, Maria-dos-Olhos-Grandes, a preferida do Coronel Drexler. “Tinha olhos indescritíveis, enormes, cintilantes, negros como duas entradas das galerias das minas d’ouro-origem do seu nome de Guerra. [...] Vestia cetim cor-de-rosa [...]” (BM, p. 63). No entanto, o romantismo, nesta cena, dá as mãos à sensualidade, pois esta era uma

característica admirável da mulata. E Nava admirou. Tanto que, demonstrando ingenuidade, convidou a mulher para uma dança. Ela, porém, já tinha compromisso com o seu coronel.

O resultado daquela noite foi o seguinte: “O domingo, depois desse sábado inaugural, acordei numa alegria e num bem-estar como talvez nunca mais tenha sentido na vida. [...] Nenhum remorso” (BM, p. 65). E, a julgar pela leitura das *Memórias*, o autor não parece ter tido muitos domingos alegres depois de sábados memoráveis, pois foram poucos os momentos de noitadas; eles se restringem, basicamente, a estes anos que precedem o ingresso de Nava na carreira de médico, a qual ocuparia quase toda a sua vida. Para Arrigucci Jr., Nava, de fato, transgride, perde a compostura apenas na escrita, pois é através dela que, de certo modo, ele pode ter “a grande liberdade que tanto admirava, por exemplo, na vida estuante de Vinícius de Moraes, o homem mais livre que conheceu” (1987, p. 68). A possibilidade que a juventude concedeu ao memorialista de sair oportunizou a ele conhecer pessoas, fazer amizades, as quais fariam brotar sonhos, ideais, ações. É o que veremos a seguir.

4.3 GRUPO DO ESTRELA

O estudo “MóBILE da Memória”, de Davi Arrigucci Jr., como se vê pelas várias vezes que a ele já fez menção, consiste em uma das referências desta pesquisa. O texto mostra as várias facetas das memórias de Pedro Nava: sua habilidade de narrador que conta das histórias da própria vida, baseado nas experiências que a “tradição oral” e o “saber erudito” proporcionaram; o fato de levar ao público a história de uma vida em um formato que não possui precedentes na história da literatura brasileira; a preocupação em revelar uma “história íntima”, sem deixar de fora os acontecimentos históricos e sociais que a circundam; a influência da profissão de médico em sua escrita e na relação com a morte; a fonte modernista na qual ele bebeu e que foi decisiva na construção de sua linguagem.

No que tange ao Modernismo como força formativa na escrita de Pedro Nava, Arrigucci afirma:

[A linguagem] é rigorosamente um equivalente em prosa do verso livre do Modernismo, de que parece uma herança viva. Como a quebra do metro tradicional no caso do verso livre, ela supõe uma abertura da técnica literária para novas e

diversas esferas da realidade brasileira que se impuseram à consciência criadora de nossos escritores como matéria nova de literatura, ampliando-se o espaço do especificamente literário, em função do processo de modernização do país. Como um fruto tardio do Modernismo mineiro, lentamente amadurecido, o estilo solto e moderno de Nava transpõe a vasta matéria do passado, carregada de elementos da velha sociedade tradicional brasileira, no rumo do presente, mediante um procedimento linguístico provavelmente aprendido com a vanguarda modernista (1987, p. 109).

Para melhor compreender a citação acima afirma, é necessário traçar, de início, um perfil do Grupo do Estrela, do qual Nava fez parte.

Trata-se de rapazes unidos por amizade que, com pensamento e atitudes vanguardistas, encabeçaram o Modernismo mineiro, na segunda década do século XX. No entanto, ao falar dessa época, o autor, não obedece a uma ordem cronológica linear – característica, aliás, como já foi dito, presente nas *Memórias*, de modo geral. Joaquim Alves de Aguiar explica que “Beira-Mar é um livro alternado. As histórias do Modernismo mineiro vão-se intercalando às histórias da Faculdade de Medicina, que Nava frequentou no período de 1921 a 1927. O ‘Grupo do Estrela’ vai pulsando ao longo da narrativa [...]” (1998, p. 170). Já vimos que o próprio Nava, confirmando o caráter de memórias que sua obra possui e lançando mão de um pouco mais de teoria a respeito do referido gênero explica: “Para fazer um relato absolutamente cronológico, teria que cair no que tenho evitado, que é o diário. Prefiro deixar a memória vogar, ir, vir, parar, voltar” (BM, p. 195).

Foi no segundo sábado de boemia que Pedro Nava conheceu um dos nomes mais importantes para o grupo: Carlos Drummond de Andrade. Paulo, Cavalcanti, Isador e Nava, depois de irem ao Comércio, um dos cinemas existentes na capital mineira daquela época, decidem “descer” (ir à região dos prostíbulos da cidade) ao Éden, “o famoso cabaré da Olímpia” (BM, p. 68). Antes, porém, de chegarem lá, tomam uma cerveja em um restaurante vizinho. É ali que os quatro veem outro grupo de amigos, composto por Luís de Araújo Moraes (ou Romeu de Avelar, seu nome literário), Roberto Stonehaven Brandão, Caraccioli da Fonseca, Aldo Borgatti, Evaristo Salomon, Batista Santiago e os irmãos Horta. Alguns Nava conhecia do Bar do Ponto. Além destes nomes, havia

um moço calado, óculos redondos, aros de tataruga, olhos muito claros, pele muito branca. Parecia fraco, pela magreza. Mas atentando bem sentia-se-lhe a forte ossatura e os músculos ágeis, finos e rijos como tiras de couro. O Paulo baixou a voz para dizer quem era. Drummond (BM, p. 69).

O poeta aparece, em detalhes, mais à frente (depois de Alberto Campos, Emílio Moura e Milton Campos), quando o autor aprofunda aspectos biográficos do filho mais ilustre de Itabira do Mato Dentro, o qual nascera em 31 de outubro de 1902, filho de Carlos de Paula Andrade e de Dona Julieta Augusta Drummond de Andrade. A família mudou-se para Belo Horizonte em 1919, “tendo morado em diversas pensões, no Hotel Avenida, no Internacional e na rua Silva Jardim, nos números 117 e 127” (BM, p. 191). Eram os Drummond de Andrade bastante acolhedores e Dona Julieta sempre tinha, segundo Nava, uma saborosa xícara de café a oferecer. Outra faceta de Carlos que o autor chama a atenção é acerca das suas leituras (as quais eram muitas e diversas), bem como de sua capacidade de descobrir talentos literários e indicá-los aos amigos, igualmente, ávidos por bons textos.

Entretanto o “efeito” Drummond não era sentido, por quem estava a sua volta, apenas pelos autores indicados, mas também pelos poemas que o itabirano, precocemente compunha. Nava, sobre isso, comenta: “O insólito da poética drummoniana estava ainda verde para mim. Acabaria virando consciência e me invadindo como aliás a todos nós que éramos liderados por ele” (BM, p. 193). Na continuação, o autor fala de como o poeta se impõe, ainda e principalmente (de modo “avassalador”), no momento em que as *Memórias* são escritas³². Para Nava, contudo, o talento de Drummond se desenhava já em *Alguma Poesia*³³, obra que impunha uma escrita vanguardista, que rompia com a

³² No caso de *Beira-Mar*, entre 1976 e 1978.

³³ Publicado em 1930, *Alguma Poesia*, primeira obra poética de Drummond, contém quarenta e nove poemas, muitos deles, micro-poemas, reunindo produções do autor, entre 1925 e 1930 e tem sido considerado como elo entre a primeira e a segunda gerações do nosso Modernismo, representando a síntese mais perfeita entre elas. *Alguma Poesia* foi escrito sob o ímpeto da modernidade de 1922, pratica o poema-piada, utiliza os coloquialismos apreçados pela estética, cultiva a poesia do cotidiano, repudiando as tendências parnasiano-simbolistas que dominaram a poesia até então. Do livro fazem parte, por exemplo, os antológicos poemas “Quadrilha” e “No meio do caminho”.

tradição clássica de composição, muito em voga, ainda, na tradicional Minas dos anos 20.

Há também outros nomes que auxiliaram na condução do Grupo do Estrela. Eles, mais do que lembrados, têm suas vidas delineadas com o máximo de informações que o autor pode oferecer ao leitor – já sabemos que Nava não economiza palavras em sua barroca escrita.

Alberto (Álvares da Silva) Campos é o primeiro a ser “retratado”. Pertencente a uma ilustre família mineira: tinha no irmão, Francisco, o *Chiquinho*, um orientador para assuntos literários e culturais. Por isso, era o único a deter conhecimentos sobre nomes como Stendhal, Valéry e Romain Rolland. Nava revela que sua companhia era “estimulante”. Alberto é que não possuía “nenhuma subserviência mental, gostava de ter opiniões feitas por ele próprio através de sua análise fria da vida e do próximo” (BM, p. 177).

Em Emílio Moura, Nava admirava “a mansidão, a bondade, a desambição, a oportunidade, a reserva, a inteligência, a capacidade de admirar, de querer [...]” (BM, p. 181). Escrevia e mantinha um estilo, em sua poesia, que era infenso a “modismos literários”. “Mesmo em seus poemas mais herméticos, naqueles de que nasce a incerteza, ele sabia se fazer de forma clara, cristalina e límpida: a essência é que era a flor de mistério” (BM, p. 181). Além disso, como falava pouco de si, era através dos textos que se mostrava.

“Outro elemento de aproximação do *Grupo do Estrela*, na rua da Bahia, Bar do Ponto e adjacências, foi Milton Campos” (BM, p. 185). Ao falar de Alberto e Emílio, não me referi aos seus respectivos aspectos fisionômicos, e me ative às características, por assim, dizer, espirituais de ambas as influências sobre Pedro Nava, das quais destaco o espírito autossuficiente do primeiro e a determinação do segundo em conquistar sua própria forma de expressão. Deixei para tratar da aparência em Milton, pois a ela posso agregar uma consideração que diz respeito ao talento de Nava para a caricatura, fartamente demonstrado em toda a extensão das *Memórias*. Sobre Milton, escreve: era “magro, fino, constituição de intelectual astênico, apresentando ligeira queda de ombros, discreta cifose dorsal, leve projeção da bacia para diante e joelhos um pouco curvos” (BM, p. 186). Na caricatura, a subjetividade, na hora da descrição se sobrepõe ao apego à realidade; como em uma pintura expressionista, na qual a arte é reflexo direto do mundo interior do artista.

A estes quatro nomes fundamentais para o Grupo do Estrela, juntam-se outros mais. O autor comenta que com alguns já convivía há

anos; diz também que, provavelmente, muitos se conheciam desde os tempos do colégio Arnaldo³⁴ e outros,

como Aníbal Machado, Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Gabriel Passos, Gustavo Capanema, João Alphonsus de Guimaraens, seu primo João Guimarães Alves, Mário Álvares da Silva Campos. Faltava a aproximação de todos. Ela foi acontecendo das carteiras escolares ao Bar do Ponto. O que posso afirmar é que em 1923 e 1924 o grupo já estava constituído e como eu disse na minha “Evocação da Rua da Bahia” – unido particularmente pela amizade unânime que todos dedicavam aos quatro grandes aproximadores que foram Alberto Campos, Emílio Moura, Milton Campos e Carlos Drummond (BM, p. 175-176).

Todos os jovens citados eram universitários, naquela época; tinham, portanto, as manhãs ocupadas com aulas. Encontravam-se, nos momentos vagos, à tarde e, principalmente, à noite. Os amigos escolheram o Café e Confeitaria do Estrela para ser o ponto de encontro (BM. P. 108), por isso o grupo levou a denominação que já se sabe. Mas, em função do caráter errante que Nava e seus companheiros tinham, não era somente pelo Estrela que eles passam. O autor dá a entender que aqueles moços de espírito inquieto conheciam como ninguém cada beco, bar, cinema ou bordel de Belo Horizonte. Conquanto estivessem unidos e munidos de cerveja, para conversa culta ou fiada, para reflexões ou gargalhadas, era o suficiente naquele momento de suas vidas. Tanto dentro de estabelecimentos, quanto perambulado pelas ruas da capital de Minas, aqueles amigos escandalizavam a tradicional “Família Mineira” (termo utilizado por Nava), a qual se mostrava pacata e retrógrada ante as inovadoras ideologias políticas e culturais daqueles jovens, que eram chamados, confusa e hostilmente, de “futuristas” ou “nefelibatas”. O autor diz que “Belo Horizonte era uma capital profundamente quieta e bem-pensante.

³⁴ Foi fundado no início do século XX, em Belo Horizonte. A instituição educacional era administrada pela Congregação do Verbo Divino e recebeu este nome em homenagem ao fundador da referida sociedade religiosa, o padre Arnaldo Janssen. Na língua alemã, Arnaldo significa “águia valente” ou “ninho de águias”, daí a utilização da figura simbólica da águia em seu escudo.

Amava o soneto, [...] suas moças [...] não conversavam com rapazes e faziam que acreditavam que as crianças pussavam nas hortas entre pés de couve [...]" (BM, p. 199). O Grupo do Estrela ia, exatamente, na direção contrária de tais “filosofias”: defendia versos e ações livres.

Em se tratando de linguagem, aliás, quero retornar ao que Arrigucci Jr. define como “estilo solto e moderno de Nava”, que, para o estudioso, é fruto das experiências literárias daqueles tempos de Modernismo mineiro, com toques dos vanguardistas de São Paulo.

Uma das vias mais importantes de publicação dos escritos modernistas do Grupo do Estrela foi *A Revista*, periódico surgido em 1925, rodada nas oficinas do Diário de Minas. Para Nava, a publicação teve relevância estadual e nacional, podendo ser comparada à revista *Klaxon*³⁵, por exemplo. O autor atribui a idealização do projeto a Drummond, apesar de não ter certeza dessa informação. O conteúdo publicado por figuras como Pedro Nava, Drummond, Abgar Renault procurava levar em conta um conselho dado por Mário de Andrade, ao poeta itabirano, através de carta: “Faça uma revista como *A Revista*, botem bem misturados o modernismo bonito de vocês com o passadismo dos outros. Misturem o mais possível” (BM, p. 240). Não é difícil estabelecer, aqui, associação entre a dica oferecida pelo criador de *Fräulein*³⁶ e a escrita naveana. Não seria esta a exuberante mistura operada pela prosa de Pedro Nava? Pergunto, ainda: não seria seu estilo – ou melhor, parte dele – oriundo da proposta modernista? Parece-me que sim e é, justamente, isto que venho tentado considerar nesta parte do trabalho.

Nava resume, em algumas linhas, as principais intenções do projeto da revista:

O nosso periódico era antes de tudo por uma posição nacionalista, de não se dar fé a uma verdade extrapátria, merecendo-nos pouco crédito os valores internacionais. Queríamos obscuramente a nacionalização de nosso espírito,

³⁵ Foi um mensário de arte moderna e é o primeiro veículo dedicado à propagação das ideias lançadas pelos modernistas paulistas durante a Semana de Arte Moderna, em 1922. Sem a tradicional hierarquia dos jornais e revistas da época, a *Klaxon* tem sua pauta definida em reuniões com seus idealizadores (Guilherme de Almeida, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, entre outros), funcionando como um órgão coletivo. O projeto gráfico era avançado, coerente com o contestador projeto editorial. A primeira de suas nove edições surge em 15 de maio de 1922, logo após a Semana, que ocorrera três meses antes.

³⁶ Personagem de *Amar, verbo intransitivo*, romance publicado em 1927.

do sentimento brasileiro que, dizíamos, começava a se reduzir a uma unidade perfeita. Essa nacionalização devia tomar, completamente, conta de nossa consciência [...]. A esse propósito vale lembrar que *A Revista* preconizava não se atirassem pedras indiscriminadamente no passado mas que, antes, ele fosse cultivado para, assim e com seu auxílio, esculpir-se melhor o futuro” (BM, p. 240).

Seguindo esse ideal modernista, de não discriminar o passado, Nava faz questão de dizer que um dos escritores mais admirados pelos garotos do Estrela era o simbolista Alphonsus de Guimaraens³⁷. Aliás, um de seus filhos, João Alphonsus de Guimaraens, colaborou também para *A Revista*, tanto em prosa (gênero mais recorrente no periódico) quanto em versos. O autor, inclusive, destaca João como um dos principais escritores modernistas mineiros, possuidor de linguagem “límpida, simples, cheia de equilíbrio, de valores estilísticos, da musicalidade de quem sabia admiravelmente o verso” (BM, p. 243).

Ao trazer o texto para os anos 70, o autor, que naquele momento já estava na casa dos setenta anos, evidencia um profundo saudosismo, revestido de certa frustração, ao que parece, por não ter mais o mesmo espírito revolucionário que o movia (ele e seus parceiros) nos anos 20. Sobre isso, encontrei o seguinte comentário:

Realmente bons tempos os da mocidade. É o que penso agora, de mim para mim. De mim para meus companheiros de geração. Ah! Nós não somos mais nós. Nós éramos aquela fúria e aquela chama que o tempo aplaca e apaga – deixando na boca esse gosto de cinza (BM, p. 160).

A juventude foi a circunstância de maior liberdade do autor que, logo depois, ingressaria na carreira de médico atuante, que o consumiria quase que por completo, durante muitas décadas.

No entanto, não posso deixar de citar um fato importante para os ativos rapazes mineiros e, em especial, para Pedro Nava. Um ano antes do surgimento da publicação coletiva da qual falamos acima, Minas recebe ilustres visitantes vindos de São Paulo. Era a “caravana paulista”,

³⁷ Pseudônimo de Afonso Henrique da Costa Guimarães (Ouro Preto, 24 de julho de 1870 – Mariana, 15 de julho de 1921). Um de seus poemas mais conhecidos é “Ismália”.

composta por Oswald de Andrade e seu filho, Oswald de Andrade Filho; Dona Olívia Guedes Penteado, Tarsila do Amaral, Gofredo Teles, Mário de Andrade e Blaise Cendrars, um suíço-francês. Iriam passar por algumas cidades históricas e pela capital, Belo Horizonte. Hospedaram-se no Grande Hotel. Nava e seus amigos ficaram encantados com tantas presenças ilustres e inspiradoras em sua cidade, recebendo, por assim dizer, uma injeção de ânimo (apesar de tal sentimento não lhes faltar) para a caminhada modernista que tinham se proposto a trilhar. Contudo, para o memorialista, a principal “descoberta” foi a de Mário de Andrade³⁸, para quem são dedicadas cinco páginas do *Beira-Mar*.

A relevância da referida figura, na vida e na obra de Pedro Nava, talvez possa ser comparada com a da Avó Maria Luísa, a do tio Salles e a do tio-avô Ennes de Souza.

Quando os modernistas excursionaram por Minas Gerais, passaram pela Belo Horizonte do Grupo do Estrela e Nava teve, então, a oportunidade de conhecer o autor da *Paulicéia Desvairada*. Sobre a primeira impressão que Mário lhe causou, Nava afirma: “Sempre eu tenho a visão profética das pessoas. Quando as conheço sei o que elas vão representar para mim. Identifico logo os canalhas e os que vão ser amigos” (BM, p. 213).

Mas para começar a traçar um perfil da figura em questão, Nava apóia-se no conhecimento que detinha em artes plásticas. Não obstante, em se tratando de Mário de Andrade, há uma ampliação: são listados e comentados, a princípio, os retratos feitos do modernista de São Paulo. O memorialista descreve imagens de Mário feitas por Cândido Portinari, Lazar Segall, Flávio de Carvalho, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, entre outros. Para Nava, nenhum dos artistas lembrados conseguiu se aproximar, verdadeiramente, do retratado em análise. Um, porém, se sobressai:

Destaco dentro de toda a contribuição plástica ao aspecto físico do autor de *Macunaíma*, pela aparência e penetração psicológica que não excluem a criatividade, o admirável desenho de Nelson Nóbrega que vem reproduzido na *Folha*

³⁸ Mário Raul de Almeida Leite Moraes de Andrade (1893-1945), homem de espírito inquieto, foi poeta, romancista, cronista, crítico de arte, folclorista, e musicólogo fundamental para a cultura brasileira. Publicou mais de trinta livros, entre romances, livros de poesia, ensaios e crônicas. Além disso, possui vasta produção epistolar, tendo se correspondido durante anos, inclusive, com o próprio Pedro Nava.

da Manhã de São Paulo, de 22 de fevereiro de 1948 (BM, p. 211).

Como se vê, Nava, para falar de uma pessoa que contribuiu bastante para sua formação enquanto memorialista, recorre a recursos do momento em que escreve: o primeiro seriam as imagens, que, por algum motivo, estão em sua posse; o outro seria a habilidade (se é que posso chamar de recurso), alcançada à custa de muitas experiências relacionadas às artes, como visitas a museus e estudos diversos, em uma fase de maturidade, vivida à época da escritura das memórias.

Outra forma de arte visual admirada pelo autor é a fotografia. Dono de uma vasta coleção de fotos, a julgar pelos vários personagens descritos a partir delas, Nava possuía também conhecimento técnico sobre o assunto. Para ele, existiam dois tipos de imagens capturadas por máquinas: “os instantâneos, pelo aspecto quase cinematográfico da imobilização de um relâmpago de movimento e a fotografia de arte onde o fotógrafo se dobra em psicólogo [...]” (BM, p. 211). Dentro do segundo tipo, uma das imagens pertencentes à “íconografia mariana” é a tirada por Benedito Junqueira Duarte, publicada na *Revista do Arquivo Público Municipal* de São Paulo, que possui um jogo claro-escuro, no melhor estilo barroco.

Dentre as várias fotografias de Mario evidenciadas, para o memorialista destaca-se, sobretudo, a de autoria do ucraniano Gregori Warchavchik (1896-1972). Sua fotografia, também de arte, era

difícil de realizar porque apanha o modelo de frente. Entretanto prodígios de semelhança física e de punção psicológica. É o retrato do homem em plena forma [...]. Mas que retrato... Dividido por uma horizontal que passasse pela ponta do nariz temos embaixo o queixo voluntarioso e possante dum Dionísio sorridente. Já a metade de cima é a de uma górgona míope atormentada pelas próprias serpentes. Se fizermos o mesmo jogo com uma vertical, o lado esquerdo é o dum frio e lúcido observador, o olhar agudo e cortante se esgueirando de dentro da deformação habitualmente acarretada pelas lentes dos óculos. A meia boca é irônica e altiva. Mas a metade direita mostra um olhar morto e sofredor e mártir enquanto o resto de sua boca em o heroísmo e a endurância de continuar sorrindo apesar de tudo.

No conjunto é figura que podia servir de modelo aos santos Greco e de Zurbarán (BM, p. 212).

Para mim, o valor dessa citação deve-se a dois motivos: primeiro para que, quem estiver lendo esta pesquisa e, por ventura, não conheça imagens de Mário de Andrade, possa ter alguma noção de sua peculiar fisionomia; em segundo lugar, para tentar mostrar o considerável conhecimento de Pedro Nava sobre fotografia. Poderíamos acrescentar, ainda, sua habilidade em transpor tal conhecimento para a literatura, através de uma já dita escrita pictográfica.

Na sequência, usando um linguajar coloquial típico da circunstância em que escreve *Beira-Mar* (anos 70), e bem ao gosto modernista (coerente, aliás, em relação ao que vem sendo falado), Nava explicita o que, na verdade, representou a presença do múltiplo artista em sua vida:

Pois quando vi Mário de Andrade, no Grande Hotel, morei logo, como se diz em gíria atual. Senti de estalo a imensa simpatia, a amizade em estado nascente e a enorme influência de sua personalidade sobre o raro que eu escreveria em moço e o demais que venho fazendo depois que passei da idade (BM, p. 213).

Este, a meu ver, é um dos depoimentos mais diretos de Pedro Nava acerca de algo que tenha colaborado para sua (auto) formação de memorialista, tanto em termos de linguagem – que em certos momentos atinge aspectos poéticos, coloquiais, vanguardistas, característicos do Modernismo – quanto em termos de uma afinidade que aproxima ambas as personalidades. Sobre isto, arrisco-me a dizer que vejo em Nava o espírito múltiplo, irrequieto, indagador, pesquisador de Mário.

A presença de Mário de Andrade é, também, muito forte nas *Memórias*. Uma das mais importantes, talvez. Basta pensarmos, por exemplo, que a palavra “saudades” configura uma espécie de “marca registrada” na escrita de Nava, visto que é inúmeras vezes utilizada. E esta “atitude verbal” é inspirada no poema “Quando eu morrer quero ficar³⁹”.

³⁹ A primeira estrofe deste poema de Mário diz: “Quando eu morrer quero ficar,/Não contem aos meus inimigos,/Sepultado na minha cidade,/Saudade”.

Aliás, como pudemos perceber no decorrer deste trabalho, “saudade” é uma palavra essencial para o nosso memorialista. Foi ela, afinal, que o impulsionou para o passado, ou, como denominou Nava, “as distâncias siderais de mim mesmo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerro este trabalho com a sensação de que tanto ainda há a dizer. É que, quando se trata de Pedro Nava, que tanto disse, acredito que seja difícil (ou mesmo impossível) sobre ele escrever e lograr o alcance de toda a grandiosidade e complexidade que sua obra oferece.

Joaquim Alves de Aguiar, que tanto iluminou esta pesquisa com seu *Espaços da Memória: um estudo sobre Pedro Nava*, disse muito sobre o memorialista e delimitou, em termos de estrutura, os lugares por onde Nava passou com suas respectivas marcas: casa, escola, trabalho e rua. Tudo isso mesclado a várias considerações acerca de detalhes biográficos do autor e comentários diversos, que envolvem uma teoria da memória, aspectos educacionais e uma dimensão filosófico-existencial. Aguiar, ainda, conseguiu levantar uma quantidade impressionante de materiais relacionados a Nava, como entrevistas que ele concedeu a revistas e programas de televisão. E, apesar do longo alcance que o estudo atinge, sabe-se que é um recorte, como em qualquer outro.

Há quem estude “apenas” a linguagem naveana, repleta de neologismos, musicalidade coloquialismo, hipérboles; uma escrita que ora faz lembrar as longas narrativas de Eça de Queirós, ora se aproxima da rapidez modernista, calcada na concisão da frase curta e da palavra pouca. Outra faceta desse autor multifacetado são seus pictográficos de produção textual, estudada pelos que tentam enxergar a forte conexão entre palavra e imagem, nas *Memórias*.

Trata-se, assim, de um universo que exige, por parte de quem o examina com calma e bastante atenção, pois cada página guarda um tesouro: tanto do ponto de vista de um “artesão” que “faz” escrita quanto da riqueza da sua própria experiência de vida, material farto que se converte em literatura do mais alto nível.

Como eu disse no depoimento inicial da pesquisa, ao começar as leituras, não atinava para a “calma mineira” que a obra de Nava pede. A pressa me tomava e eu queria saber o quanto antes como as tramas autobiográficas iam se desenrolar: estava envolvido pelo poder de narração do autor. Aos poucos, fui, então, entendendo que não poderia haver pressa e que cada palavra posta no papel deveria ser saboreada, como quem sorve um café mineiro com pão de queijo.

Ao superar essa minha disposição inicial, passei, então, a compor um modesto estudo sobre a (auto) formação de um memorialista. Quis me debruçar sobre forças que exerceram papel formativo sobre Nava, em três segmentos de sua história: família, escola e amigos, que

compõem os três capítulos aqui apresentados. Procurei acrescentar a isso a ideia de um “fomar-se”, que compreende a iniciativa própria do escritor em recorrer às letras, impulsionada por subjetividades a ele inerentes.

Na parte da família, escolhi os nomes de Maria Luísa (avó), Antônio Salles (tio) e Ennes de Souza (tio-avô), os quais influenciaram, significativamente, Nava em sua vida e em sua carreira de escritor. Já o capítulo que se debruça sobre as memórias escolares ganhou uma subdivisão, que procurou compreender desde os primeiros passos do escritor em ambiente escolar até o final de seus estudos médios, anteriores ao ingresso na faculdade de medicina, em Belo Horizonte. O último capítulo tratou dos agitados anos 20, durante os quais Nava foi, concomitantemente, funcionário público, universitário e agitador cultural. Vivências que, apoiado em outros estudos e numa leitura própria, julguei serem suficientes para mostrar, ainda que parcialmente, o processo (auto) formativo daquele que sagrou-se um escritor genial em nossas letras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Joaquim Alves. **Espaços da memória**: um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1998.
- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução de Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- ANJOS, Augusto dos. **Antologia poética de Augusto dos Anjos**. São Paulo: Publifolha, 1997.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- ARIÈS Philipe; DUBY Georges. **História da vida privada**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. **Enigma e comentário**: ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BARATA, Carlos Almeida; BUENO, Antônio Henrique Cunha. **Dicionário das famílias brasileiras**. São Paulo: Ibero-América, 2000.
- BARROS, José Márcio. **Cultura, memória e identidade**: contribuição ao debate. CA. HIS., UFMG, Belo Horizonte, n. 5, 1999.
- BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Editora Martins e Fontes, 1990.
- BRAGA, Rubem. **200 crônicas escolhidas**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- CÂNDIDO, Antônio. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de termos literários**. Disponível em: <www.edtl.com.pt>. Acesso em: 10 jan. 2013.

DOZOL, Marlene de Souza. **Da figura do mestre**. Tese (Doutorado). Campinas: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. Memórias escolares: sem ressentimentos. **Educ. Real**. [online], v. 34, n. 2, p. 225-237, 2009

FREITAG, Bárbara. **O indivíduo em formação: diálogos interdisciplinares sobre educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

GARCIA, Celina Fontenelle. **A escrita Frankenstein de Pedro Nava**. 1994. Tese (Doutorado)– Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.

GHIRARDELLI JÚNIOR, Paulo. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez, 1997.

LOBATO, Monteiro. **A reforma da natureza**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Memórias de Emília**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

MAZZARI, Marcus Vinícius. Representações literárias da escola. **Estud. av.** São Paulo, v. 11, n. 31, set./dez., 1997.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

NAVA, Pedro. **Balão cativo**. São Paulo: Ateliê, 2000.

_____. **Báú de ossos**. São Paulo: Ateliê, 1999.

_____. **Beira-mar**. São Paulo: Ateliê, 2003.

_____. **Chão de ferro**. São Paulo: Ateliê, 2001.

PANICHI, Edina Regina. Pedro Nava: o pintor das palavras. **Cadernos do CNLF**, v. XIV, n. 2, t. 2. 2009.

POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Moderna, 1994.

RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Por uma poética das memórias literárias**. Disponível em: <www.comciencia.br>. Acesso em: 10 jan. 2013.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo: Globo, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAYEG, Astrid. **Bergson – o método intuitivo**: uma abordagem positiva do espírito. Série Teses n. 1. São Paulo: Humanitas publicações FFLCH/ USP, 1998.

SILVA, Odette Faustino. **A formação intelectual e geral e a educação estética do narrador, nas memórias de Pedro Nava**. Itinerários, Araraquara, n. 12, 1998.

STAROBINSKI, Jean. **Jean-Jacques Rousseau**: a transparência e o obstáculo; seguido de sete ensaios sobre Rousseau. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TOKIMATSU, Rosana. O poeta bissexto. **Revista Cult**, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/o-poeta-bissexto>>. Acesso em: 10 jan. 2013.